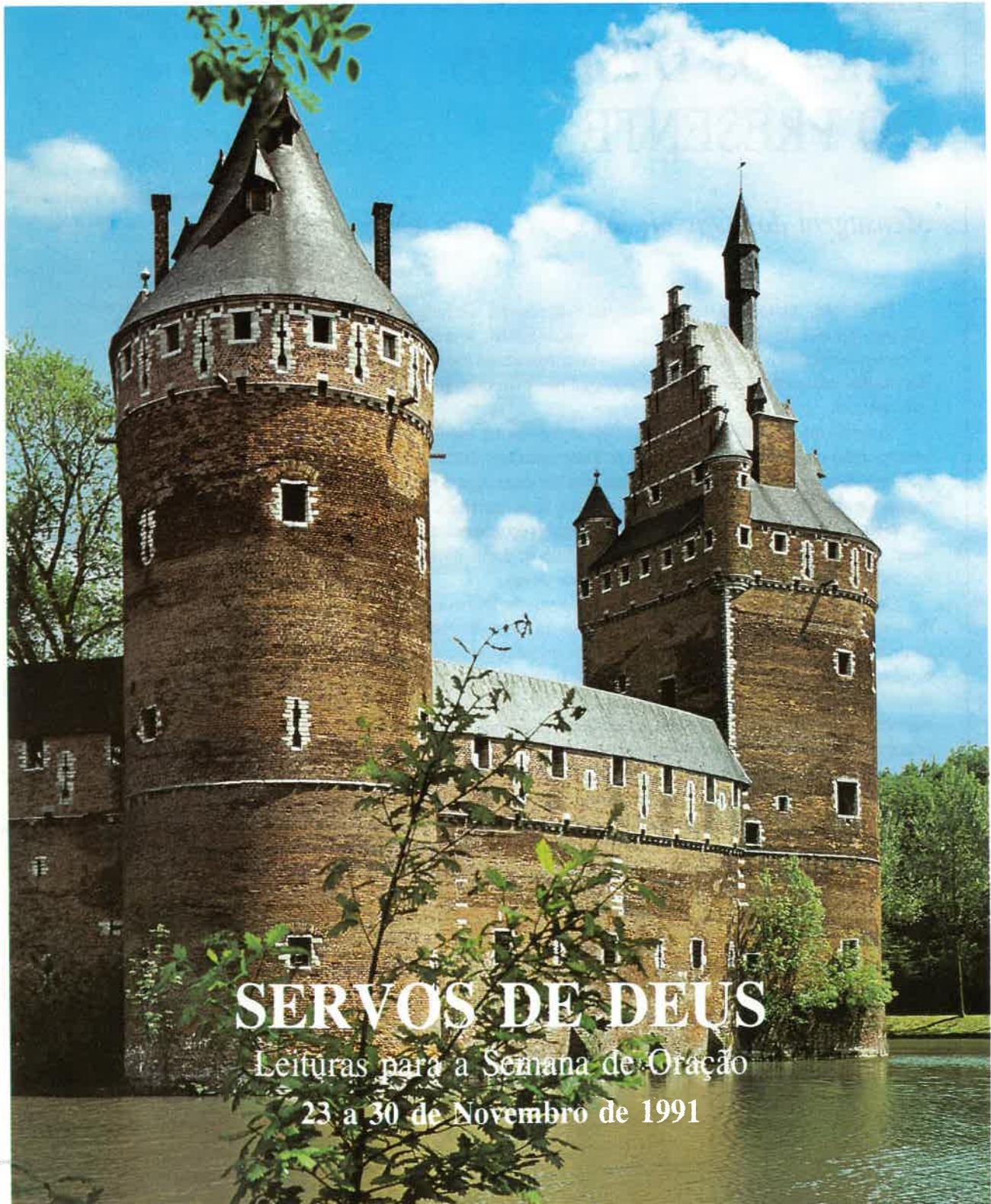


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Outubro 1991



SERVOS DE DEUS

Leituras para a Semana de Oração

23 a 30 de Novembro de 1991

BIOGRAFIAS DA BÍBLIA:

EXEMPLOS DO PASSADO PARA OS DESAFIOS DO PRESENTE

Mensagem dos Oficiais da Conferência Geral

Em África, muitos dos nomes pelos quais as pessoas são hoje conhecidas remontam aos dias da chegada dos primeiros missionários. À medida que os Africanos iam aceitando o Evangelho, ou se iam matriculando na escola, os missionários davam-lhes nomes bíblicos, admoestando-os a que fossem como os seus homônimos bíblicos.

Recordo-me perfeitamente do meu primeiro dia na escola. A minha mãe acompanhou-me ao escritório do director. Esse professor cristão olhou para mim e disse: "O teu nome é Mateus." Reparei que ele disse algo à minha mãe e pela expressão do seu rosto, pude perceber que ela ficou satisfeita.

Não me lembro de quantas vezes foi preciso recordarem-me, ao longo dos anos, que me fora dado o nome de um discípulo de Jesus na esperança de que eu, um dia, me tornasse semelhante ao Senhor Jesus.

Contudo, seria um erro olhar para esses servos de Deus do passado e julgar que eles não cometiam faltas. "Homens a quem Deus favoreceu, e aos quais confiou grandes responsabilidades, eram algumas vezes vencidos pela tentação, e cometiam pecados ... As suas vidas, com todas as suas faltas e estultícias, estão abertas diante de nós, para nosso encorajamento e nossa advertência. Se eles tivessem sido apresentados como não tendo faltas, então nós, com a nossa natureza pecaminosa, poderíamos desesperar com os nossos erros e falhanços. Mas, ao vermos onde outros lutaram contra desânimos iguais aos nossos, e onde eles cairam sob a tentação, como nos tem sucedido a nós, e, não obstante, se reanimaram e venceram pela graça de Deus, somos encorajados a prosseguir na luta para alcançar a justiça. ... Por outro lado, o pecado das suas vidas pode servir-nos de advertência. Mostra que Deus, de modo nenhum tem o culpado por inocente." — *Patriarcas e Profetas*, p. 238.

Ao estudarmos, nas Leituras da Semana de Oração, as vidas destas personagens bíblicas, possamos nós ser conduzidos ao reavivamento e reforma que nos permitam enfrentar vitoriosamente os anos desta década de noventa.

Mathew Bediako

Mathew Bediako é vice-presidente geral da Conferência Geral.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Outubro de 1991
Ano L • N.º 534

DIRECTOR:
J. Morgado

REDACTORA:
M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 850\$00
Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 Exemplos do Passado para os Desafios do Presente
Mensagem dos Oficiais da Conferência Geral
- 3 João Baptista
Por Ellen G. White
- 5 A firmeza de Rute
Por Collete Joy Pekar
- 7 David: Mesmo as sombras podem levar à luz do sol
Por James Coffin
- 9 Pedro: Jesus transformou-me
Por Russel Holt
- 11 O meu marido Abraão
Por. Aulikki Nahkola
- 13 Míriam, cantora e pecadora
Por Walter Scragg
- 15 Sábio, tornei-me insensato
Por Henry M. Wright
- 17 Fíéis em Babilónia
Por Robert S. Folkenberg
- 20 Heróis da Bíblia para Hoje
(Semana de Oração para as Crianças)
Por Ginger Mostert Church

Tradução de Orlando de Albuquerque

João Baptista

Preparando o caminho para Jesus

A leitura seguinte é extraída dos capítulos 10, 18 e 22 do livro *O Desejado de Todas as Nações*.

«**D**entre os fiéis de Israel, que desde longo tempo esperavam a vinda do Messias, surgiu o precursor de Cristo. O idoso sacerdote Zaqueus e sua esposa Isabel eram ‘ambos justos perante Deus’; e na sua vida tranquila e santa, brilhava a luz da fé como uma estrela entre as trevas daqueles dias maus. A esse piedoso par foi dada a promessa de um filho, o qual havia de ‘ir ante a face do Senhor, a preparar os Seus caminhos’.

“Antes do nascimento de João, o anjo disse: ‘Será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo’. Deus chamara o filho de Zaqueus para uma grande obra, a maior já confiada a homens. A fim de cumprir essa obra, precisava de que o Senhor com ele cooperasse. E o Espírito de Deus seria com ele, caso desse ouvidos às instruções do anjo.

“João devia ir como mensageiro de Jeová, para levar aos homens a luz de Deus. Devia imprimir-lhes nova direção aos pensamentos. Devia impressioná-los com a santidade dos preceitos divinos, e sua necessidade da perfeita justiça de Deus. Esse mensageiro tem que ser santo. Precisa ser um templo para a presença do Espírito de Deus. A fim de cumprir a sua missão, deve ter sã constituição física, bem como resistência mental e espiritual. Era, portanto, necessário que regesse os apetites e paixões. Deveria ser por forma tal capaz de dominar as suas faculdades, que pudesse estar entre os homens, tão inabalável ante as circunstâncias ambientes, como as rochas e montanhas do deserto.

“Ao tempo de João Baptista, a coiça das riquezas e o amor do luxo e da ostentação haviam-se alastrado. Os prazeres sensuais, banquetes e bebidas, estavam causando doenças, a de-

generação física, amortecendo as percepções espirituais, e insensibilizando ao pecado. João devia assumir a posição de reformador. Por sua vida abstinente e simplicidade de vestuário, devia constituir uma repreensão para a sua época. Daí as instruções dadas aos pais de João —uma lição de temperança dada por um anjo do trono do Céu. ...

“Como profeta, João devia ‘converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos; com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto’. Preparando o caminho para o primeiro advento de Cristo, era representante dos que têm que preparar um povo para a segunda vinda de nosso Senhor. O mundo está entregue à condescendência com as próprias inclinações. Abundam erros e fábulas. Multiplicam-se os ardidos de Satanás para destruir as almas. Todos quantos querem aperfeiçoar a santidade no temor de Deus, têm que aprender as lições da temperança e do domínio próprio. Os apetites e paixões devem ser mantidos em sujeição às mais elevadas faculdades do espírito....

“Deus não o mandou aos mestres de teologia para aprender a interpretar as Escrituras. Chamou-o ao deserto, a fim de aprender acerca da natureza de Deus, e do Deus da natureza. Foi numa região isolada que encontrou o seu lar, no meio de despudas colinas, ásperos barrancos e cavernas das rochas.... A vida de João não era, entretanto, passada em ociosidade, em ascética tristeza, em isolamento egoísta. Ia de tempos a tempos misturar-se com os homens; e era sempre observador interessado do que se passava no Mundo. Do seu quieto retiro, vigiava o desdobrar dos acontecimentos.”

A Voz no Deserto

“Ao começar o ministério do Baptista, a nação achava-se em estado de excitação e descontentamento vizinhos da revolta. ... Entre a discórdia e o conflito, ouviu-se uma voz do deserto, voz vibrante e severa, sim, mas plena de esperança: ‘Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos Céus’.

... Com o espírito e poder de Elias, [João] denunciava a corrupção nacional e repreendia os pecados dominantes. As suas palavras eram claras, incisivas, convincentes. ...

“João proclamava a vinda do Messias, e chamava o povo ao arrependimento. Como símbolo da purificação do pecado, baptizava-os nas águas do Jordão. Assim, por uma significativa lição prática, declarava que os que pretendiam ser o povo escolhido de Deus estavam contaminados pelo pecado e sem purificação de coração e vida, não poderiam ter parte no reino do Messias.”

“Todos quantos se houvessem de tornar súbditos do reino de Cristo tinham que dar demonstrações de fé e arrependimento. Bondade, honestidade e fidelidade manifestar-se-iam na vida dessas pessoas. Ajudariam os necessitados, elevariam a Deus as suas ofertas. Defenderiam os desamparados, dando exemplo de virtude e compaixão.”

“Muitos deram ouvidos às suas instruções. Muitos sacrificaram tudo, a fim de obedecer. Multidões seguiam esse novo mestre de um lugar para outro, e não poucos nutriam a esperança de que fosse o Messias. Mas, vendo João o povo voltar-se para ele, buscava oportunidades de encaminhar-lhes a fé para Aquele que haveria de vir.”

É necessário que Ele cresça

“Durante algum tempo, a influência do Baptista sobre a nação fora maior que a dos seus principais, sacerdotes e príncipes. Se ele se tivesse anunciado como Messias, e fomentando uma revolta contra Roma, sacerdotes e povo ter-se-iam reunido em torno do seu estandarte. Todas as atenções que falam à ambição dos mundanos conquistadores, Satanás se apressara a dispensar a João Baptista. Mas, tendo embora diante de si as provas do seu poder, permanecera fir-

me em recusar o deslumbrante preço do suborno. As atenções nele fixadas, encaminhara para Outro. ...

“João tinha por natureza as faltas e fraquezas comuns à humanidade, mas o toque do amor divino transformaria-o. Pairava numa atmosfera não contaminada pelo egoísmo e a ambição, e muito acima do miasma do ciúme....

“Olhando com fé para o Redentor, João erguera-se às alturas da abnegação. Não buscava atrair os homens a si mesmo, mas erguer-lhes o pensamento mais e mais alto, até que repousasse no Cordeiro de Deus.

“Os que são fiéis à vocação de mensageiros de Deus, não buscarão honra para si mesmos. O amor do próprio eu será absorvido pelo amor a Cristo. Nenhuma rivalidade manchará a preciosa causa do evangelho. Reconhecerão que a sua obra é proclamar, como João Baptista: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do Mundo’ (João 1:29). Exaltarão Jesus, e com Ele será a humanidade exaltada.”

As razões para o sofrimento de João

“João Baptista fora o primeiro a anunciar o reino de Cristo, e foi também o primeiro a sofrer. As paredes de uma cela na prisão separavam-no agora da liberdade do deserto e das vastas multidões suspensas de suas palavras. Estava prisioneiro na fortaleza de Herodes Ântipas....

“O Baptista fora, em sua missão, um destemido reprovador da iniqüidade, tanto nos lugares elevados como nos humildes. Ousara enfrentar o rei Herodes com a positiva repreensão do pecado.... E agora, de sua prisão, aguardava que o Leão da tribo de Judá abatesse o orgulho do opressor, e libertasse o pobre e o que clamava. Mas Jesus parecia contentar-Se com reunir discípulos em volta de Si, curar e ensinar o povo. Comia à mesa dos publicanos, ao passo que dia a dia mais pesado se tornava o jugo romano sobre Israel, o rei Herodes e a vil amante faziam a sua vontade e o clamor do pobre e sofredor subia ao céu. Ao profeta do deserto tudo isso se afigurava um mistério além de sua penetração....

“Mas o Baptista não abandonou a sua fé em Cristo. Na prisão, foi, em sua lealdade para com o Senhor e seu

zelo pela justiça, o mesmo que ao pregar a mensagem de Deus no deserto.”

“Para muitos espíritos, um profundo mistério envolve a morte de João Baptista. Indagam porque teria sido deixado a estiolar-se e perecer na prisão. O mistério dessa escura providência, a nossa visão humana não pode penetrar; não poderá, no entanto, nunca abalar a nossa confiança em Deus, quando nos lembrarmos de que João nada mais foi do que um participante dos sofrimentos de Cristo. Todos quantos O seguem hão-de cingir a coroa do sacrifício....

“Jesus não Se interpôs para livrar o Seu servo. Sabia que João havia de suportar a prova. De boa vontade teria o Salvador ido ter com João, para, com a Sua presença, lhe aclarar as sombras do cárcere. Mas não Se devia colocar nas mãos dos inimigos e pôr em perigo a Sua própria missão. Com prazer teria libertado o Seu fiel servo. Mas por amor de milhares que haveriam, em anos posteriores, de passar da prisão para a morte, João devia beber o cálice do martírio. Ao temer os seguidores de Jesus de definhar em solitárias celas, ou perecer pela espada, e pela tortura, ou na fogueira, aparentemente abandonados de Deus e do homem, que esteio não lhes seria ao coração o pensamento de que João Baptista, de cuja fidelidade o próprio Cristo dera testemunho, passara por idêntica experiência!

“Foi permitido a Satanás abreviar a vida terrena do mensageiro de Deus; mas aquela vida que ‘está escondida com Cristo em Deus’ (Col. 3:3), o destruidor não podia atingir. Exultou por haver ocasionado aflição a Jesus, mas fracassara em vencer João. A morte em si mesma apenas o colocava para sempre além do poder da tentação. Nessa contenda, Satanás estava revelando o próprio caráter. Manifestou, em presença do expectante Universo, a sua inimizade para com Deus e o homem.

“Conquanto nenhum miraculoso livramento fosse proporcionado a João, ele não fora abandonado. Tivera sempre a companhia dos anjos celestiais, que lhe abriram as profecias relativas a Cristo, e as preciosas promessas da Escritura. Estas foram o seu sustentáculo, como haviam de ser do povo de Deus nos séculos futuros. A João Baptista, como aos que vieram depois

dele, foi dada a segurança: ‘Eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos’ (Mat. 28:20).

“Deus nunca dirige Seus filhos de maneira diversa daquela por que eles próprios haveriam de preferir ser guiados, se pudessem ver o fim desde o princípio, e perscrutar a glória do desígnio que estão realizando como colaboradores Seus. Nem Enoc, que foi trasladado ao Céu, nem Elias, que ascendeu num carro de fogo, foi maior ou mais honrado que João Baptista, que pereceu sozinho na prisão. “A vós foi-vos concedido, em relação a Cristo, não somente crer n'Ele, como também padecer por Ele” (Fil. 1:29). E de todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo nos Seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra.”

A verdadeira grandeza

“Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Baptista”. No anúncio a Zacarias, antes do nascimento de João, o anjo declarara: ‘Será grande diante do Senhor’ (Lucas 1:15). Que, em face da maneira de avaliar do Céu, constitui a grandeza? ... Valor moral, eis o que é estimado por Deus. Amor e pureza são os atributos que mais aprecia. João era grande aos olhos do Senhor quando, em presença dos emissários do sínédrio, diante do povo e perante seus próprios discípulos, se absteve de buscar honra para si, mas encaminhou todos para Jesus como o Prometido. Sua desinteressada alegria no ministério de Cristo apresenta o mais elevado tipo de nobreza já revelado em homem.

“O testemunho dado a seu respeito, depois de morto, pelos que o ouviram testificar de Jesus, foi: ‘João não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse d'Este era verdade’ (João 10:41). Não foi concedido ao Baptista fazer cair fogo do céu, ou ressuscitar um morto, como fizera Elias, ou empunhar a vara do poder de Moisés em nome de Deus. Foi enviado para anunciar o advento do Salvador, e chamar o povo a preparar-se para Sua vinda. Tão fielmente cumpriu ele sua missão, que, ao recordar o povo o que lhes ensinara a respeito de Jesus, po-

diam dizer: ‘Tudo quanto João disse d’Este era verdade’. Um testemunho assim todo o discípulo de Cristo é chamado a dar de seu Mestre.’

Perguntas para Reflexão:

1. Como descreve Ellen G. White as qualificações de João, o precursor do Messias, e como contrastam elas com aqueles tempos?

2. Que paralelos podemos traçar

entre João Baptista e o povo de Deus do tempo do fim?

3. Que nos ensina a vida de João sobre o sofrimento?

Ellen G. White pertenceu aos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia: o seu ministério abrangeu três continentes. Sendo uma das mais prolíficas escritoras de todos os tempos, a sua produção literária atingia 100.000 páginas à data do seu falecimento.

Domingo, 24 de Novembro

Collete Joy Pekar

A Firmeza de Rute

Aprendendo a ter fé com uma jóia estrangeira

Ontem demos o nome de Obed ao meu novo neto. Obed significa “adoração”. E é o único nome que poderíamos dar a esse menino. Já vão compreender a razão quando vos relatar a minha história.

Começou em Belém. Após vários anos sem chuva, as nossas reservas de alimentos estavam quase esgotadas e o meu marido, Elimelec, sentiu-se forçado a ir procurar um lugar o mais próximo possível onde pudéssemos colher a subsistência dos nossos dois filhos adolescentes. Nenhum deles era muito saudável. E, na realidade, nós tínhamos-lhes dado os nomes de Maalon, que significa “enfermidade”, e Quelion, que quer dizer “desfalecimento”. Não podíamos permitir que sofressem de subnutrição.

Elimelec decidiu que devíamos mudar-nos para Moab, não obstante o meu insistente pedido para que ficássemos em Belém, a terra dos nossos antepassados. Para mim, os moabitas eram um povo repugnante, devido ao seu culto ao deus Camos, aos sacrifícios de crianças e orgâcas festas de fertilização. Deus advertira seriamente o Seu povo a não se relacionar com os moabitas. Como poderíamos nós, com tais influências, criar os nossos filhos adolescentes de forma a serem homens justos?

Separados

Mas Elimelec foi teimoso. A via-

gem de 120 quilómetros até Moab, na realidade, acabou por cortar toda a comunicação com o lar e os nossos irmãos na fé. Qualquer culto que eu alifizesse, teria de fazê-lo sozinha com a minha família.

Aqueles anos foram anos de solidão e cheios de perdas. Primeiro faleceu o meu marido. Na minha mente, o estigma da viudez duplicava, porque eu perguntava a mim mesma se não teria sido um castigo de Deus sobre a minha família, por termos abandonado Israel e ido peregrinar em terra proibida. Os meus filhos bem depressa assumiram as responsabilidades de adultos e passaram a prover carinhosamente ao meu sustento.

Mas, para minha surpresa e desespero, esse aumento de responsabilidade aumentou também a sua consciência de que já eram adultos. Ficaram ansiosos por casar, por progredir na vida, por gerarem filhos que dessem continuidade ao nome paterno. Apesar das minhas orações, e das minhas súplicas, ambos encontraram jovens moabitas atraentes e com elas se casaram. Passei muitas noites sem dormir, muitas refeições de Sábado sob tensão, tentando adaptar-me à sua incessante curiosidade acerca da nossa “estranha” religião. Havia perguntas sobre as leis da saúde, sobre a guarda do Sábado, sobre os mandamentos. A ignorância das jovens e a sua idolatria

faziam parecer cada vez mais remota a esperança do nosso regresso a Israel. Eu continuei a adorar Jeová, mas sozinha.

A princípio, eu desprezava as minhas noras. Então, numa noite de insónia, ao falar com Deus acerca do meu infortúnio, compreendi que poderia, ou afastar os meus filhos e suas esposas para longe de Deus, ou viver de um modo tal que tornasse a experiência de uma fé viva algo de desejável. Comecei a orar fervorosamente, não apenas pela genuína conversão dos meus filhos e noras, mas por uma mudança no meu próprio coração. Somente Deus poderia desarraigá-lo meu preconceito e dar-me o amor de que eu carecia.

Quando Maalon, o meu filho mais velho, adoeceu gravemente, tive oportunidade de falar e orar com Rute, sua mulher. Fiquei maravilhada com a sua dedicação, ao tratarmos as duas constantemente de Maalon. Ela observava-me atentamente. Consciente do meu testemunho, eu proferia apenas palavras de fé, muito embora o temor se me apegasse à alma. Então chegou o agriado momento em que ela me pediu que lhe contasse os relatos do poder de Deus em Israel, para a confortar. O Senhor estava a responder às minhas orações pela sua conversão, mas de que modo tão doloroso! Pouco depois, Quelion adoeceu também e alguns dias depois foi-nos igualmente arrebatado pela morte.

De repenteachei-me completamente só numa terra estranha. O único contacto humano que tinha eram as visitas diárias de Orfa e Rute, que, ao anoitecer, me vinham trazer comida. Rute continuava a fazer perguntas, e o seu espírito aberto foi para mim um raio de esperança: talvez Deus ainda pudesse extraír algum bem da minha situação aparentemente desesperada.

Sinais de mudança

Um dia Orfa voltou do mercado trazendo a notícia de que tinha havido uma boa colheita em Israel. Era a primeira em muitos anos. Isso queria dizer que a seca terminara. Então, subitamente, senti saudades da minha pátria. Uma nova ideia passou a obcecármee: encontrar uma maneira de expressar o meu desejo de me reunir ao povo de Deus.

As semanas iam passando lentamente. Eu aguardava ansiosamente o tempo da colheita, pois planeara cuidadosamente o meu regresso. As perguntas de Rute, que todas as tardes me visitava, tornavam-se mais específicas. O seu conhecimento de Deus e da Sua vontade iam aumentando. Eu perguntava a mim mesma o que aconteceria à sua fé nascente quando eu voltasse para a minha terra. Eu tinha o direito de exigir que as minhas duas noras viúvas me acompanhassem e me sustentassem durante o resto da minha vida. Porém, eu nunca as obrigaria a deixar a sua família, o seu país, o seu estilo de vida: eu iria sozinha. Elas voltariam para a casa dos seus pais, onde poderiam voltar a casar e recomeçar as suas vidas ainda em flor.

Quando lhes falei dos meus planos, disse-lhes que seriam bem-vindas se porventura viessem comigo, mas animei-as a ficar em casa de seus pais. Expliquei-lhe que, como mulheres moabitas, elas nunca poderiam voltar a casar em Israel. Não obstante, Rute declarou de imediato a sua intenção de me acompanhar, enquanto Orfa se debatia entre o dever e a inclinação. Após alguns dias de deliberações, decidiram ambas vir comigo para Belém. Fiquei contente, porque assim fariam companhia uma à outra, pois eu receava a recepção que como moabitas receberiam em Israel.

O regresso à pátria

A viagem de 120 quilómetros até Belém foi difícil para todas as três. O terreno agreste, descendo as encostas até ao Mar Morto, parecia o símbolo das agitadas emoções que cada uma de nós sentia. Lembrava-me de quão diferente havia sido essa jornada, alguns anos antes, montanha acima, com o abrigo do meu marido e dos meus filhos. Por sua vez, as minhas noras estavam bem conscientes de que essa descida as levaria cada vez para mais longe do único estilo de vida que tinham conhecido. A despeito das minhas dolorosas recordações, eu estava ansiosa por restabelecer os laços com Israel.

Acampámos nas margens do Mar Morto e acordei ao ouvir Orfa a chorar na tenda ao meu lado. Oprimiu-me a recordação das minhas próprias lágrimas anos antes, ao jantar, saindo de Israel. Se bem que amasse

as minhas noras e ambicionasse manter a sua companhia, decidi enviá-las de volta na manhã seguinte. Uma mudança de vida tão radical seria demasiado difícil para elas. Uma vez mais falei-lhes e expliquei-lhes que, se fossem comigo para Israel, pelo facto de serem moabitas, nunca mais teriam oportunidade de voltar a casar. Estava para além das minhas possibilidades arranjar-lhes maridos. Viverem comigo significaria uma vida inteira de viúvez, sempre no limiar da pobreza. Orfa nada dizia. Finalmente, com os olhos marejados de lágrimas, tomou a decisão de fazer a caminhada montanha acima, de regresso a Moab. Perder a sua companhia foi um rude golpe para Rute. As moçasabraçaram-se longamente em despedida. O último elo da vida de Rute estava sendo cortado. A solidão que eu sentira em Moab seria certamente a que ela sentiria em Israel. “Volta”, insisti. “Volta com a tua cunhada para o teu povo, para os teus deuses.”

A resposta de Rute fez-me estacar: “Não instes para que te deixe e cesse de te seguir; porque onde fores, irei eu; onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus será o meu Deus” (Rute 1:16).

De repente comprehendi que Rute estava a escolher não apenas a mim, mas também ao meu Deus. Momentos antes, eu tinha querido mandá-la de volta para a sua vida anterior, para os seus antigos deuses. Tal como o meu marido, antes de mim, eu tinha sido cega para os valores espirituais, e considerara apenas o seu bem-estar material. A sua resposta foi uma gentil repreensão. A sua escolha não era motivada pelos seus sentimentos, mas antes por uma decisão espiritual plenamente madurecida. Rute escolhera um estilo de vida de justiça e um relacionamento com Deus Jeová, mesmo que o preço fosse a renúncia à sua pátria, à sua família e até à oportunidade de encontrar segurança num novo casamento. Ela escolhera, acima de tudo, a Deus!

Dúvida e Fé

Instalamo-nos na minha antiga casa em Belém e de imediato uma torrente de visitas começou a bater-nos à porta. Uma vez e outra as mulheres perguntavam pelo meu marido e fi-

lhos. E quando lhes contava a minha amarga odisseia, as suas palavras de censura ainda mais me feriam. Com certeza que Deus fizera cair severos juízos sobre a minha família por termos ido peregrinar para fora da Sua Terra Prometida. A compaixão dos meus concidadãos depressa me levou a sentir dó da minha desgraça e a sua condenação distorceu a imagem que eu tinha de Deus. Agora, a amargura e auto-recriminação duplicavam o peso da minha aflição e culpa. Quando os meus amigos me davam as boas-vindas, eu pedia-lhe para me chamar “Mara”, que significa “a amarga”, porque eu não mais poderia viver de acordo com o nome que me tinha sido dado antes, “Noemi”, o qual quer dizer “minha doçura”.

Mas a fé de Rute era suficientemente forte para permanecer verdadeira, mesmo quando a minha vacilação. Já não dependia do meu comportamento e já não buscava em mim forças, pois aprendera a buscá-las em Deus. Mesmo que estivesse triste, Rute vivia de acordo com o significado do seu nome, que quer dizer “a amiga”. Com uma verdadeira amiga, ela passava por alto as minhas palavras irreflectidas e não se ofendia com elas. Em vez disso, buscava maneiras tangíveis de aliviar o meu fardo. Superando a tentação de se ressentir e de dar lugar à autocomiseração, Rute teve a coragem de ousar fazer algo para minorar a nossa triste situação: propôs-se sair e ir colher espigas, sabendo, contudo, que isso poderia acarretar-lhe insultos e maus tratos físicos por ser estrangeira. Ela confiava em Deus ao deixar Moab. Agora confiava em Deus para a proteger ao cumprir o seu dever em relação à minha pessoa.

Deus achou por bem conduzi-la directamente ao campo de Booz, um dos parentes da minha família. Rute confiou em que Deus proveria. E a sua disposição de fazer a sua parte permitiu que Deus operasse — e isso para além dos nossos mais ousados sonhos. O mesmo Deus que a levara a deixar a segurança da sua pátria haveria de continuar a dirigi-la até que todas as nossas necessidades fossem satisfeitas. Deus providenciou-lhe um marido e segurança económica. E deu-lhe — a ela e a mim, um filho! Agora, as mulheres da aldeia dizem: “Nasceu um filho a Noemi.” A sua existência é o

penhor de que Deus me aceitou. Ao segurá-lo no meu regaço, posso viver para além das minhas perdas do passado e da distorcida imagem de Deus que elas em mim produziram.

Por conseguinte, o menino recebeu o nome de Obed, que significa “adoração”, pois é o único nome que se lhe apropria. Eu ousei crer que poderia partilhar o regozijo da adoração com uma pessoa descrente. Rute aprendeu bem a lição e voltou a ensinar-ma. O seu culto a Deus, a sua adoração e confiança no Senhor desencadearam uma série de acontecimentos que restauraram a minha capacidade de adorar mesmo após dívidas e dores profundas. E eu aprendi a dar as boas-vindas a todo o ser humano que adore ao Senhor ao meu lado, independentemente da sua raça ou vida passada. Aquela que eu em

tempos desprezara tornou-se para mim de mais valor do que sete filhos.

Perguntas para Reflexão:

1. Como poderíamos classificar a decisão de Elimelec, de se mudar para Moab?
2. Que lições podemos aprender da primeira avaliação que Noemi fez de Rute, tendo em conta a maneira oposta como as coisas acabaram por se desenrolar?
3. De que modo melhora este relato a nossa compreensão da providência divina?

Collette Joy Pekar tem a responsabilidade pastoral de duas pequenas igrejas no Estado do Idaho, nos E. Unidos, juntamente com seu marido Mark.

Segunda-feira, 25 de Novembro

James Coffin

David: Mesmo as Sombras Podem Levar à Luz do Sol

Por mais longe que estejamos, o perdão de Deus pode sempre alcançar-nos.

Já ouvi algumas pessoas dizerem que nada pode acontecer a um crente em Deus que não possa tornar-se um degrau conducente a uma maior espiritualidade. Dizem não haver na vida sombras tão escuras que não tornem a claridade do amor de Deus ainda mais clara. E foi exactamente isso o que eu descobri na minha experiência pessoal como rei de Israel.

Naturalmente, muitos consideraram-me um grande herói, que viveu uma vida maravilhosa. Continuam a falar da maneira como matei o gigante Golias, quando era jovem. Outros lêem os meus salmos e maravilham-se com o meu dom poético. Quando ouvem dizer que uma vez Deus me chamou “um homem segundo Seu coração”,

podem facilmente ficar com a ideia de que a minha espiritualidade está num nível completamente diferente do deles. Podem não saber que eu muitas vezes falho em fazer o que deveria.

Sem dúvida, a pior coisa que já fiz foi envolver-me, ilicitamente, com Batseba. Ainda olho para esse facto e abano a minha cabeça, pasmado. Como pude ser tão insensato e tão egoísta?

Durante alguns anos, após ter matado Golias, fui o principal alvo do ódio do rei Saul. Ele perseguia-me dia e noite para me matar, porque tinha a certeza de que eu seria o próximo rei de Israel. Durante esse tempo, senti uma proximidade de Deus que depois raramente tenho experimentado. Compreendi que se não fosse a pro-

tecção de Deus, a minha vida teria sido apagada num momento.

Quando Saul foi morto em combate, eu fui aclamado rei. Levou algum tempo para obter o juramento de fielidade de todas as facções israelitas em contenda, mas logo de seguida o meu reino ficou consolidado. O futuro apresentava-se então risonho. Talvez até demasiado bom, e por isso tornei-me complacente.

Não mais sentia a ininterrupta necessidade de Deus que sentira quando era perseguido através do deserto como se fosse uma presa de caça. E como isto aconteceu lenta e insidiosamente, não percebi que estava a arrefecer no meu relacionamento com Deus. Eu andava tão ocupado com as tarefas governamentais que não me sobrava muito tempo para reflectir sobre o rumo espiritual que levava.

Naquele ano, estava-se na Primavera. Joab, o comandante do meu exército, encontrava-se em campanha contra os amonitas. Estes não tinham um exército muito poderoso, de modo que senti que a minha presença não era necessária. Joab era um bom general. Por conseguinte, fiquei em Jerusalém para atendar aos negócios do Estado. Certo dia, após a minha sesta da tarde, subi ao terraço do meu palácio para olhar para a cidade. Do lugar sobranceiro em que me encontrava, vi, não apenas a cidade, mas também uma mulher extraordinariamente bela que, por acaso estava a tomar banho. Com certeza que ela não imaginava que alguém a pudesse contemplar de um terraço. Eu não devia ter parado para o fazer, mas foi o que fiz. E aí começou o meu erro.

Ela era tão bela! A partir desse momento não pensei em mais nada senão nela. Desejava-a tão intensamente que perdi completamente a razão. Não me importou quando me disseram que ela era mulher de outro homem. Eu estava obcecado. Não ficaria satisfeito senão com a sua posse total.

Ser apanhado numa tal situação! Sei que isto soa a como se eu fosse uma pessoa terrível. E com certeza que o que eu fiz foi terrível — demasiado terrível para ser adequadamente descrito. E todavia, eu não era uma pessoa viciosa e má. Era um normal seguidor de Deus, que descuidou a sua defesa e se tornou presa fácil de Satanás.

Embora Batseba fosse muito bela, quando terminou o nosso devaneio, eu não tinha nenhuma intenção de casar com ela. No fim de contas, ela já era casada. No que me dizia respeito, o assunto terminara. Então, algumas semanas mais tarde, ela mandou-me um recado a dizer que estava grávida. Entrei em pânico.

Culpado

Tecnicamente, tanto Batseba como eu éramos culpados de morte. As Escrituras Sagradas (Lev. 20:10) indicam que ambas as partes envolvidas numa relação de adultério são passíveis de execução. Claro, eu não acreditava que o povo fosse mesmo executar o seu rei. Mas eu não tinha a certeza de que não quisessem depor-me. No mínimo, a minha capacidade de governar ficaria grandemente prejudicada se a notícia se tornasse conhecida. Ora, eu não queria que tal acontecesse. Assim, tinha que pensar num plano para apagar todas as pistas. E tinha de fazê-lo rapidamente. Enviei um mensageiro para que Urias viesse da frente de batalha a Jerusalém.

Tudo teria sido muito simples se Urias não fosse um soldado com tão elevados princípios. Estremeço ainda ao recordá-lo. Porque ele era tão dedicado ao exército, aos soldados seus companheiros, a Joab, a mim, a Deus, que recusou ir a casa quando chegou. Porque deveria ele usufruir os prazeres da vida doméstica enquanto os seus companheiros de armas estavam a sofrer as privações da guerra?

Por mais que eu tentasse, não consegui fazê-lo mudar de ideias. O mais extraordinário é que Urias nem sequer era israelita. Israel era a sua pátria por adopção. Apesar disso, ele mostrou maior lealdade ao exército de Israel e ao Deus de Israel do que eu, que era o rei de Israel. Cada vez que penso nisso, sinto-me como se estivesse a rasgar uma ferida não cicatrizada.

Mas naquele momento eu estava tão cego pelo desespero como antes o estivera pela paixão. Em vez de confessar o meu pecado a Deus e às pessoas e deixar a minha sorte nas mãos de Deus, senti que devia salvar-me a mim mesmo.

A única solução que vi foi eliminar Urias. Por isso escrevi uma carta a Joab dizendo-lhe que fizesse o pos-

sível para que Urias fosse morto em combate. Selei a carta. E a seguir — ainda hoje me parece inacreditável que o tenha feito — pedi a Urias que fosse portador da carta para Joab, ao regressar ao campo de batalha.

Pouco depois chegou a Jerusalém a notícia de que Urias tinha sido morto. Batseba cumpriu o habitual período de lamentação e luto e depois disso casámo-nos imediatamente. Julguei que tinha sido bem sucedido em apagar os indícios do meu erro. Tornara-me espiritualmente tão cego que não fui capaz de perceber que Deus conhece até mesmo os nossos pensamentos mais íntimos. Não se pode enganar a Deus!

Na altura em que o profeta Natan me veio visitar, a minha consciência estava já tão tranquila que nem me passou pela cabeça que ele estivesse ali para me repreender. Quando ele começou a sua história de um homem que tinha uma pequena cordeira, eu convenci-me, naturalmente, que ele estava a contar uma história verdadeira sobre a execrável conduta de um dos meus súbditos. Ao ouvi-la, fiquei encollerizado. Pensar que um homem rico, possuidor de enormes rebanhos de ovelhas e grandes manadas de gado se degradara ao ponto de roubar a única cordeira de um homem pobre — quase uma mascote — e matá-lo sem piedade! “Digno de morte é o homem que fez isso e pela cordeira tornará a dar o quádrupulo”, disse eu abruptamente. Então Natan desferiu o golpe: “David, esta história é a tua.”

Assombrado

Natan não poderia ter-me deixado mais atordoado se me tivesse atingido com uma clava. Apresentaram-se-me subitamente à mente as verdadeiras implicações de toda essa sórdida questão. Eu sabia que tinha pecado; sabia que agira mal, mas tinha-me convencido de que o problema não era assim tão grande. A parábola de Natan fez desmoronar a fachada e desmascarou-me, mostrando o que eu verdadeiramente era. E permitam que vos diga: vermo-nos tais quais somos na realidade é a pior experiência por que se pode passar. Eu já não podia negar nada. Ali estava despidão, exposto e despedaçado.

Creio que estar despedaçado foi a

chave para a minha reconciliação espiritual. Se Natan tivesse ido directo ao ponto e me tivesse condenado, eu teria, provavelmente, um destino pior do que o de Urias. Mas Deus proporcionou-lhe a sabedoria necessária para a abordagem do problema, de modo tal que colocou diante de mim o verdadeiro alcance do meu pecado. E, ao proferir o juízo sobre o malfeitor, eu não poderia escapar à condenação que caiu sobre mim.

Nas semanas e meses seguintes sofri uma agonia tal como nunca, nem antes nem depois, experimentei. Passei por tudo o que os pecadores passam quando compreendem a quão devastadoras profundezas descem vão quando se afastam de Deus — quando se vêem a si mesmos tais como realmente são.

Eu perguntava a mim mesmo se Deus poderia alguma vez voltar a amar-me. O que eu fizera era tão abjecto, tão egoísta, tão desumano! Não era fácil acreditar que Deus pudesse aceitar-me. E, no entanto, Natan não me deixou sem esperança. Quando confessei que havia pecado, Natan disse: “O Senhor traspassou o teu pecado.” Não usou o verbo no condicional. Não se exprimiu usando o verbo no futuro. Usou o pretérito perfeito: “O Senhor traspassou o teu pecado.” Era já um facto. Que promessa! Não era fácil crer nisto. Porém, se Deus o prometera, tinha de acreditar na Sua palavra. Tinha que fazer um esforço para me conduzir com base nessa promessa, ainda que me não considerasse digno dela. Não foi fácil, mas eu aceitei o perdão de Deus.

Baseado nessa experiência, deixem que lhes diga o seguinte: Não importa o que tenhamos feito, não importa quão longe nos tenhamos desviado, Deus pode perdoar-nos. Ele quer perdoar-nos, e Ele nos perdoará.

Todavia, mesmo que Ele nos perdoe, isso não anula o prejuízo que o nosso pecado ocasionou. E antes de partir, Natan avisou-me de uma parte das consequências que adviriam do meu pecado: o meu filho recém-nascido morreria.

Quando a criança adoeceu, eu humilhei-me em angústia diante de Deus. Jejuei. Supliquei. Eram do meu conhecimento histórias que falavam da intervenção divina em resposta ao arrependimento humano. Oh! como eu

ansiava agora por uma oportunidade semelhante. Mas isso não aconteceu. E ao sétimo dia o nosso bebé morreu.

Quando se sabe que a dor e a angústia e a frustração nos sobrevêm por causa do nosso pecado e que é ele também a causa da morte do nosso filho, torna-se terrivelmente difícil perdoar-nos a nós mesmos. E havia apenas uma maneira de eu o conseguir fazer: Deus perdoou-me. E se Deus pudera perdoar-me, então eu tinha de perdoar-me a mim mesmo. Mas perdoar-me foi tremendamente difícil.

O Perdão

Como escritor, achei muitas vezes ser útil escrever os meus pensamentos quando me debatia com um problema espiritual. E esta ocasião não foi nenhuma exceção. Enquanto tentava reestruturar a minha vida para sair da terrível confusão que criara, escrevi as palavras que se podem encontrar no salmo 51.

É uma história triste, esta que acabei de partilhar convosco, mas eu acredito que ela tem dois importantes aspectos de redenção. Primeiro: eu creio que nada pode acontecer a um seguidor de Deus que não possa tornar-se um degrau para atingir maior espiritualidade. Ter sido tão manifestamente culpado de tão terrí-

vel crime, e a seguir ter visto a luz do amor de Deus brilhar por entre a escuridão do meu pecado, tornou o meu amor a Deus mais forte do que nunca.

Segundo: Como tive oportunidade de escrever acerca do meu pecado, eu espero que ao contar a outros pecadores — gente tão culpada quanto eu — como Deus me perdoou, eles se sintam encorajados a arrepender-se e a experimentarem o mesmo perdão.

Se toda esta experiência me ensinou alguma coisa, esta foi o seguinte: Ninguém está livre de cair; e o perdão de Deus pode alcançar-nos, não importa quão fundo tenhamos caído. Se Deus me perdoou, então há esperança para todos.

Perguntas para Reflexão

1. Como pôde David ser chamado “um homem segundo o coração de Deus” se pecou tão cruelmente?
2. Será que todos nós precisamos de orar a oração do Salmo 51?
3. Que nos ensinou a experiência de David acerca do amor de Deus?

* Baseado em II Samuel 11:12; Salmo 51.

James Coffin é redactor de Record, revista da Divisão do Sul do Pacífico, publicada em Warburton, Victoria, Austrália.

Terça-feira, 26 de Novembro

Russel Holt

Pedro: Jesus Transformou-me

Memórias de traição e perdão

Quedo-me a pensar na orelha do homem, caída no chão. E também sobre quão desapontado e pesaroso fiquei. O tempo aqui passa tão lentamente — especialmente à noite, quando não consigo dormir. É nessas ocasiões que as recordações me sobrevêm em catadupas, levando-me a reviver o passado.

Esta noite, os guardas estão sonolentos, cambaleando de quando em vez — os quatro a que estou acorrenta-

do. Posso aperceber-me disso pela sua respiração. Os quatro que estão à porta estão a contar histórias uns aos outros. Os outros quatro, um pouco mais atrás deles, no corredor exterior da prisão, estão muito longe; não sei o que estão a fazer. Mais uma vez estou sozinho com as minhas recordações.

Toda aquela tarde o Mestre havia falado de modo estranho, dirigindo-nos advertências que nós não compre-

endíamos — nem poderíamos compreender. Ele tinha dito que estaria connosco apenas um pouco mais, que ia para onde O não poderíamos seguir. Ele disse que seria açoitado e que todos nós seríamos dispersados. Disse que todos nós O abandonaríamos.

“Eu não. Eu seguir-Te-ei onde quer que fores”, insisti eu. “Para a prisão, para a morte, para onde quer que seja.” E, na realidade, era isso mesmo que eu queria dizer. Oh, como era verdade! Pensei que poderia enfrentar o que quer que fosse que estivesse adiante, do mesmo modo que podia ali estar ao lado do Mestre. Desde então tenho aprendido algumas coisas a meu respeito. Coisas dolorosas. No entanto, eu estava certo acerca de uma coisa. Segui-O até à prisão — e provavelmente segui-l’O-ei até à morte, também.

Quando Ele me disse que eu O negaria três vezes antes que o galo cantasse anunciando o alvorecer, eu fechei os ouvidos. Mesmo agora, ainda há ocasiões em que me recuso a pensar nisso. Magoa-me muito.

Adormecidos

Estávamos todos a dormir quando a multidão chegou. Eu tinha tentado ficar acordado e orar, mas continuei à deriva numa semiconsciência. Quando desertei vi algumas luzes que vinham por entre as árvores. Ouvi vozes, e então vi o Mestre avançar em direcção à luz do luar, enfrentando a turba de homens. João e Tiago, e também outros, despertaram. Reunimos todos à volta d’Ele.

O que é que a multidão queria? Porque estavam armados? Porque estava Judas entre eles? Sacudi a cabeça para espantar o sono. Quando os homens se movimentaram para prender o Mestre todos nós ficámos nervosos. Antes que me apercebesse do que estava acontecendo, a minha espada estava na minha mão e eu investia contra o homem que estava mais perto de mim. Creio que ninguém — do lado deles ou do nosso — esperava isso. Um momento antes nem eu mesmo sabia o que ia fazer. Eu sempre fui assim e o meu sistema é: Age agora e pensa depois. Este procedimento colocou-me por vezes em situações difíceis, e o mesmo aconteceu naquela noite. Não sei como tudo se te-

ria resolvido se o Mestre não tivesse intervindo.

Ao olhar para trás, penso que senti que tinha alguma coisa que provar aos outros. Por isso que ataquei tão rapidamente. Eu tinha dito e insistido alto e bom som que antes queria morrer que abandonar o Mestre; eu tinha dito que haveria de ficar ao Seu lado mesmo que os outros fugissem. Agora tinha de mostrar que era isso mesmo o que eu queria dizer.

Continuo a ver a orelha do homem caída no chão e a expressão de sobressalto no seu rosto. Tudo aconteceu tão depressa que ele ainda não sentia dores. Todos recuaram e ficaram gelados, durante um momento. Então o Mestre desprendeu-Se do homem que O segurava e, inclinando-Se, apanhou a orelha do chão. De modo cuidadoso mas rápido, limpou o sangue, a sujidade e alguns pedacinhos de relva que tinham aderido à orelha. Ninguém se mexia, e até as respirações ficaram suspensas. Então o Mestre aproximou-Se com a orelha e tocou a ferida do homem. Quando retirou a Sua mão, não havia sinais do ferimento. Apenas um emplastro de sangue no ombro da túника do homem.

Aconteceu tudo muito mais rapidamente do que o tempo necessário para o recordar. Como se despertassem de um sonho, a multidão surgiu, mais uma vez, ao redor do Mestre. Com os outros discípulos, eu recuei para a escuridão. Olhávamos uns para os outros, em pânico e desespero. A multidão não se importou connosco; todos os seus pensamentos estavam voltados para o Mestre. Para vergonha minha, fui quem sugeriu que escapássemos. Como que motivando os outros, fui-me embrenhando cada vez mais entre as árvores e as trevas. Eles seguiram-me e quando já estávamos bastante longe, começámos a correr.

Quando nos vimos entre as árvores, eu já não me afastei para muito longe. E João também não. Parámos para olhar para trás e depois voltámos e começámos a seguir a multidão, mas à distância. Com o Mestre no meio deles, os homens atravessaram rapidamente o ribeiro e as ruas adormecidas da cidade, indo até à residência de Anás, o sumo sacerdote anterior. João

e eu esperámos lá fora, na escuridão. Algun tempo depois eles apareceram e levaram o Mestre ao palácio de Cai-fás. Ali, alguns dos sacerdotes conheciam João e permitiram-lhe que entrasse para o pátio. Quando este se responsabilizou por mim, eles disseram que eu também podia entrar.

No Pátio

Lembro-me de que estava com medo quando João e eu entrámos no pátio do sumo sacerdote. Parecia que algo me impelia a ir para lá. Eu precisava de saber o que iria suceder ao Mestre. Não podia abandoná-l'O assim.

Uma vez lá dentro, não sabia o que devia fazer. Assim, juntei-me ao grupo que estava ao pé do fogo. Podia dizer-se que eles se sentiam aliviados porque a sua parte no episódio estava cumprida; eles riam e contavam anedotas grosseiras sobre o Mestre. Posso ver agora quão óbvio devia de ser que tal ambiente não era para mim. Sentia-me deprimido e mostrava-o.

“Tu és um dos discípulos d’Ele, não és?” Foi uma criada que fez a pergunta e parecia que todos os olhares se cravaram em mim. O meu coração ficou gelado.

“Não sei do que estás falando”, respondeu-lhe. Parece que as palavras me saíram automaticamente dos lábios, sem que eu fizesse qualquer esforço. Ela voltou-se para o grupo e disse: “Este é também um deles.” E abanava a cabeça na minha direcção. “Estás enganada! Nem sequer O conheço!” As palavras eram demasiao ásperas para serem acreditadas. Porém, ela encolheu os ombros e voltou para o seu serviço.

Acredito que lá no jardim de bom grado teria lutado pelo Mestre. Tivesse Ele feito o mínimo esforço para resistir e eu teria morrido por Ele lá mesmo. Mas no pátio, cercado por gentalha daquela e pretendendo ser alguém que não era, toda a minha coragem se desvaneceu.

Afastei-me da fogueira. Como em sonho, as cenas da prisão e do pátio e do jardim ficaram todas misturadas com as imagens dos três anos anteriores. Lembrei-me de quando Ele veio a caminhar pela praia do lago, enquanto André e eu estávamos a lan-

çar a rede. Quão voluntariamente tínhamos deixado a nossa actividade de pescadores para O seguir. Que dias maravilhosos aqueles! Vimo-l’O operar milagres; ouvimo-l’O ensinar; absorvemos as instruções que nos deu quando estávamos a sós. Como o futuro nos parecia brilhante! Todos sentíamos que fazíamos parte de algo de muito importante. E agora isto! Não era possível. Não podia ser. Senti-me paralisado. Os minutos demoravam a passar. Que fámos fazer agora, nós todos que tínhamos seguido o Mestre de lugar em lugar? Tínhamos tanta certeza de que Ele ia estabelecer o reino...

Depois de alguns instantes, alguém mais me acusou de ser um dos discípulos do Mestre. Imediatamente O neguei (Agora até me pareceu mais fácil fazê-lo) e então, para surpresa minha, irrompeu da minha boca uma blasfémia para confirmar a minha negação.

As coisas pioraram a partir daí. Mais tarde ainda, um parente do homem que eu atacara (ouvi-os falar sobre isso, ao redor da fogueira), olhou para mim fixamente. “Não te vi eu com Ele no jardim? Tu também és um discípulo. Tens o sotaque da Galileia.”

Algo me mordeu no íntimo. Ouvi-me a mim mesmo gritar coisas terríveis. Palavras que eu tinha ouvido nas docas de Cafarnaum. Palavras que eu tinha aprendido e usado quando era jovem, nas árduas tarefas do lago. Palavras que nem eu sabia que sabia. As obscenidades e imprecações foram lançadas sobre o grupo ao redor da fogueira, até que por fim fiquei vazio e extenuado. Então ouvi um galo cantar ao longe, Levantei os olhos — e vi os olhos do Mestre.

Como o sabia Ele? Era a minha fraqueza tão óbvia? Sem prestar atenção ao que a multidão podia pensar, corri para fora do pátio, meio cego pelas lágrimas.

De volta ao jardim

Dei comigo já no jardim, estendendo no chão húmido, onde havia pouco Ele estivera a orar. Nunca senti tanta angústia e desespero. O Mestre ia morrer, e eu não estava ao Seu la-

do como me gabara que haveria de estar. Eu não cumpria o que tinha prometido; negara-O — não apenas uma vez, mas repetidamente. Desejei morrer.

Não sei quanto tempo estive ali. A pouco e pouco, os pensamentos foram-se-me pondo em ordem. Lembrei-me da ocasião em que sugerira ao Mestre que devíamos perdoar ao outros até sete vezes. “Ele há-de sentir-Se orgulhoso de mim”, pensei. Ele sempre ia além das exigências dos rabinos e estes especificavam que se deve perdoar três vezes. Eu duplicaria e até aumentaria esta conta.

Os Seus olhos moveram-se de um modo que jamais esquecerei. E disse: “Simão, não sete vezes, mas setenta vezes sete!” Pela maneira como Ele disse isto — meio a sorrir, meio a brincar — eu compreendi a mensagem: “Tu não estás à altura quando se trata de perdão.” E então contou uma das Suas incisivas parábolas para que o assunto ficasse bem claro.

Aquela conversa recordou-me a minha infinita tristeza. “Ele sabe que eu não queria dizer bem aquilo”, disse de mim para mim. “Ele disse que Satanás haveria de tentar destruir-me, mas que Ele oraria por mim.”

“Setenta vezes sete” e o tom da Sua voz quando o disse dera-me afinal a certeza de que Ele me havia perdoado as coisas terríveis que dissera e fizera naquela noite. E desde então isso tem-me ajudado tantas vezes a acreditar que Ele não está contando as vezes que precisa de perdoar-me.

Mais tarde, quando a nossa maior negra tristeza se tornou na nossa maior

alegria, e o Mestre estava de novo connosco nas margens do lago, Ele recordou de modo carinhoso as minhas jactâncias sobre amá-l’O eu mais do que os outros discípulos e de ficar ao Seu lado fossem quais fossem as circunstâncias. A princípio senti-me ofendido, porém comprehendi que Ele o fazia por uma razão. Na presença dos outros, o Mestre demonstrou que me havia perdoado. E fez isso para que eles pudessem perceber quanto eu tinha mudado como resultado do Seu perdão.

Creio que sempre terei que lutar contra a confiança em mim mesmo e contra a minha personalidade impulsiva. Mas agora há uma diferença. Ele transformou-me. Vi as complicações que arranjo quando procuro ser eu a dirigir a minha vida e sei que devo deixar tudo ao Seu cuidado.

Creio que é por isso que me posso sentir tão calmo aqui na prisão, condenado à morte.

Perguntas para Reflexão:

1. No Getesemani Pedro estava muito mais disposto para um combate físico do que para um conflito espiritual. Que significado tem isso para nós?

2. No meio da multidão, no palácio do sumo-sacerdote, Pedro negou a sua relação com Jesus. Que lição nos ensina isso?

3. Que é que a história da negação de Pedro e seu arrependimento nos ensina sobre perdão?

Russell Holt é vice-presidente da casa editora Pacific Press Publishing Association, em Nampa, Idaho, nos Estados Unidos.

Quarta-feira, 27 de Novembro

Aulikki Nahkola

O Meu Marido Abraão

Sara evoca os anos das peregrinações, provas e confiança

Nascidos, criados e casados na Caldeia, desejávamos formar família nessa terra natal. Mas a nossa adoração a Deus fez com que nos sentíssemos estrangeiros no seio dos nossos vizinhos pagãos.

Um dia Deus apareceu a meu marido Abraão e disse-lhe que saísse, com a família, de Ur, a nossa cidade natal. Ele nos haveria de mostrar uma terra melhor, onde faria de Abraão o pai de uma grande nação.

Nós tínhamos uma grande família, constituída por parentes e servos, mas não tínhamos nenhum filho. Abraão estava com 75 anos e eu era apenas 10 anos mais nova.

Com tantas mulheres e crianças no nosso agregado familiar, além de gado e outros bens, a jornada através do deserto acabou por ser bem grande. Centenas de quilómetros mais adiante chegámos a Siquém, em Canaã, e ali Deus disse a Abraão que aquela era a terra que Ele daria aos seus descendentes.

Mas a terra pertencia aos cananeus, povo violento, com estranhos costumes e um culto degradante. Eu não podia sequer imaginar que eles dessem a sua terra a alguém que ali chegara para ser “uma grande nação”. Precisamente no meio deles!

Mal tínhamos acabado de chegar, sobreveio uma grande fome àquela terra, o que nos obrigou a deixar Canaã rumo ao Egito. À medida que nos aproximávamos desta terra, o meu marido interrogava-se acerca da maneira como os egípcios nos tratariam. Achar-me-iam eles atraente e por isso matá-lo-iam a ele? Se assim fosse, que aconteceria à promessa de Deus de que seríamos um grande nação?

Tínhamos que estabelecer um plano. Abraão sugeriu que eu dissesse que era sua irmã, para assim salvar a sua vida e ajudar Deus a cumprir a Sua promessa. Concordei.

Mas o nosso plano terminou em desastre. Alguns oficiais da corte encontraram-nos e levaram-me para a casa de faraó para fazer de mim uma das suas esposas. Inundaram Abraão de presentes, servos, rebanhos, camelos, como se fosse ele quem me podia dar em casamento. Quando as pragas começaram a cair sobre a casa de faraó, este comprehendeu o seu erro e mandou chamar Abraão à sua presença. Então desmascarou a mentira e disse-nos que nos fôssemos embora.

Argumento enraizado

Pusemos de novo a nossa caravana em marcha e lá fomos através do deserto, chegando a Betel, que era, no fim de contas, onde havíamos estado primeiro. Por esta altura, o nosso agregado familiar era muito maior, de modo que surgiu uma discussão entre

os nossos pastores e os do nosso sobrinho Lot. Diziam eles que a terra não tinha capacidade para sustentar-nos a todos.

Abraão falou com Lot. Ambos observaram a campina do Jordão e Abraão deu a Lot a oportunidade de escolher onde queria fixar-se. Lot escolheu a parte bem regada da campina do Jordão, mas essa escolha acabou, mais tarde, por revelar-se infeliz.

É verdade que Lot se aproveitou da generosidade do meu marido, mas este não se importou, pois estava sempre disposto a abrir mão do que deveria ser seu. Acreditava que todas as coisas que possuía tinham vindo da mão de Deus e que Ele poderia, portanto, dar-lhe muito mais, se tal fosse do Seu agrado.

Logo que nos separámos de Lot, aconteceu algo que serviu para ilustrar, mais uma vez, este ponto. Quase a seguir a Lot se ter estabelecido em Sodoma, rebentou ali uma guerra. Sodoma foi saqueada pelos inimigos e estes levaram a Lot prisioneiro, com tudo o que possuía. Quando as notícias do sucedido chegaram a Abraão, este reuniu os seus servos e perseguiu os invasores. Conseguiu libertar não-somente a Lot, mas também a todos quantos tinham sido aprisionados, tendo, todos eles, recuperado as suas propriedades.

Quando o rei de Sodoma encontrou Abraão, no seu regresso da batalha, ofereceu-lhe todos os despojos, rogando-lhe que lhe desse apenas as pessoas. Mas Abraão não quis nada que fosse dos sodomitas, para não acontecer que o rei de Sodoma pudesse dizer que Abraão ficara rico à sua custa. Era seu desejo que todos soubessem que tinha sido Deus quem lhe dera a riqueza que possuía. E deu testemunho desse facto ao entregar todos os seus dízimos a Melquisedec.

Não muito tempo depois deste episódio, Deus apareceu outra vez a Abraão e disse-lhe que a sua recompensa seria grande. Posso dizer que o meu marido tinha grande fé em Deus — afinal, nós já tínhamos saído da nossa pátria em obediência à Sua ordem. Mas isto não quer dizer que ele nunca questionasse com Deus. Muito pelo contrário.

Problema delicado

Quando Deus mencionou a grande recompensa, tocou num assunto de grande sensibilidade para Abraão: que benefício lhe traria uma grande recompensa, se haveria de ser um escravo nascido em nossa casa quem haveria de herdá-la? É que Deus não nos tinha dado nenhum filho.

Então Deus prometeu a Abraão que não seria um escravo quem receberia a sua herança, mas um filho seu. Levou Abraão para fora da tenda e disse-lhe que contemplasse o céu nocturno, a fim de dizer-lhe que os seus descendentes seriam tão incontáveis como as estrelas. Abraão creu em Deus, mas, na sua ansiedade, pediu um sinal. O Senhor disse-lhe que preparasse um sacrifício. Então caiu sobre Abraão um sono pesado e durante esse sono Deus revelou-lhe coisas estranhas sobre o futuro. E, ao fazer Deus concerto com o Seu amigo, uma tocha de fogo passou por entre as metades dos animais sacrificados.

Tudo isto causou profunda impressão em Abraão, que agora tinha a garantia de que o seu herdeiro seria um filho seu. Porém, eu duvidava, “Será este filho meu também?” Havia passado dez anos desde a nossa chegada a Canaã e desde que tínhamos recebido a primeira promessa de um descendente. Talvez Deus quisesse que a nossa parte fosse simplesmente esperar.

Certo dia pensei em Agar, a minha serva. Se o meu marido tivesse um filho com ela, continuaria sendo da família. Como era visível, Deus tinha-me impedido de ter filhos. Expliquei a questão ao meu marido, e ele concordou. Assim, Agar tornou-se sua concubina.

Logo que Agar ficou grávida, percebi que havia algo de errado no nosso plano, pois ela ficou insolente e arrogante comigo. Eu não podia tolerar tal situação por muito tempo. De modo que Abraão concordou em que, sendo ela minha escrava, eu devia castigá-la.

Promessas a Agar

Por causa do castigo, Agar fugiu. Grávida, sozinha no deserto, ela estava desesperada. Então um anjo do

Senhor foi ao seu encontro e prometeu-lhe que a sua descendência seria grande e que o filho que estava gerado no seu ventre seria poderoso. Mas que ela devia voltar e ser-me submissa. Assim, Agar voltou e pouco depois deu à luz um rapaz, Ismael.

Passaram-se treze anos sem mais nenhuma palavra de Deus. Acabámos por crer que Ismael era o filho prometido.

Mas um dia Deus apareceu novamente a Abraão e repetiu-lhe a promessa de que ele seria o pai de uma grande multidão. A circuncisão era o sinal do concerto de Deus, e Canaã a terra prometida. O Senhor acrescentou que eu haveria de ter um filho e que me tornaria mãe de nações.

Ao ouvi-lo, o meu marido riu-se. Eu estava já com 90 anos de idade: como poderia ter um filho? Mas o Senhor repetiu a Sua promessa e acrescentou que o filho seria chamado Isac, “Ele ri”.

Não muito depois, ocorreu um estranho incidente. Quando três homens passaram pela nossa casa, nós oferecemos-lhes a nossa hospitalidade. Embora estrangeiros, eles pareciam conhecer tudo a nosso respeito. Um deles disse que dentro de um ano eu teria um filho. Quando, por acaso, ouvi isso, foi a minha vez de rir também, pois duvidei da sua palavra. Os três homens partiram em direção a Sodoma. Logo de seguida a cidade foi destruída. Os nossos hóspedes não tinham sido simples seres humanos.

Então, o impossível aconteceu: fiquei grávida e dei à luz um robusto menino, a quem demos o nome de Isac. Mas a nossa felicidade tinha uma sombra. Agar e Ismael continuavam connosco e à medida que os anos passavam, tornou-se manifesto que não poderíamos viver todos juntos em paz. Finalmente, para o bem de todos, Agar e Ismael tiveram que se ir embora.

Depois que Ismael partiu, as nossas vidas pareceram estabilizar-se. Isac crescia. Havia paz na família. Então, um dia, Deus apareceu mais uma vez a Abraão e ordenou-lhe que levasse Isac, o seu único e amado filho, para a terra de Moriá e ali o oferecesse em holocausto.

Esta ordem não fazia sentido para o meu marido, mas ele não questionou nem pediu garantias a Deus. Levou Isac e alguma lenha e partiu para Moriá. Após três dias de viagem, chegaram ao monte que Deus escolhera. O nosso único filho carregou a lenha, montanha acima, até ao local em que deveria ser sacrificado.

Mas quando Abraão ia a erguer o cutelo para imolar Isac sobre o altar, um anjo do céu ordenou-lhe que não lhe fizesse mal. Deus já tinha providenciado um carneiro para o sacrifício. E visto que Abraão não negara a Deus o seu único filho, o Senhor certamente tornaria os seus descendentes tão numerosos como a areia do mar.

Desde que partimos da Caldeia, a nossa vida tem tido muitos altos e baixos. Cometemos erros. Algumas vezes quisemos antecipar-nos aos planos

de Deus. Nós ambos temos tido dúvidas, mas também nos temos esforçado por nos manter confiantes nas Suas promessas e por obedecermos ao Seu chamado. Em Isac nós vimos o cumprimento da Sua promessa.

Perguntas para Reflexão:

1. De que modo manifestou Abraão, por várias vezes, falta de fé?
2. Que experiências ilustram a generosidade de Abraão?
3. Abraão mostrou que as nossas fraquezas podem tornar-se a nossa força. Explique como.

Aulikki Nahkola é professor de religião no Colégio de Newbold, em Inglaterra, e prepara um doutoramento em Velho Testamento, na Universidade de Oxford.

Quinta-feira, 28 de Novembro

Walter Scragg

Míriam, Cantora e Pecadora

Como Deus salva e redime

Deus disse-nos sim naquele dia. Nenhum de nós esquecerá jamais o rugir do vento, a gritaria do exército, o turbilhar das águas, os gritos e o súbito silêncio.

Contudo, para compreender o que esse dia realmente significou, venham comigo 80 anos atrás. Eu sou hebreia, israelita, judia. Chamo-me Míriam, nome egípcio que significa “a bem-amada”.

Após gerações de aceitação e crescimento, os governantes egípcios começaram, subitamente, a perseguir-nos, a nós, hebreus. Porquê? Talvez porque o faraó da nova dinastia, que recentemente derrotara os hicsos, os antigos governantes estrangeiros, queria desviar as atenções dos problemas do reino. Ou talvez porque o meu tio-avô José foi primeiro-ministro de um dos faraós hicsos. De certo modo, a minha história é acerca de inveja — começa com a inveja do faraó contra o povo de Deus, e termina com a minha própria inveja.

Faraó culpava-nos de tudo. Os hebreus tinham-se apossado das melhores terras e dos melhores empregos. Os hebreus eram muitos. Em breve haveriam de conquistar o país. E assim por diante.

Recordo-me de ouvir meu pai Amram e minha mãe Jocabed falarem, muito irritados, acerca do decreto de faraó: “Todos os hebreus devem apresentar-se para serviços públicos.” “Todos os hebreus são desde agora escravos do estado.” Era isso mesmo, escravos! “Todos os hebreus devem procurar a sua palha para fazerem os tijolos!” Que absurdo! É impossível! Não se podem fazer tijolos sem palha!

Genocídio

Mas faraó não estava ainda satisfeito. Nós orávamos. Oh, como orámos quando ouvimos as mais recentes e pérfidas medidas. “As parteiras devem matar à nascença todos os bebés do sexo masculino.” Mas isso não deu resultado. As parteiras não o fi-

zeram. Então o cruel tirano declarou: “Que todos os egípcios vigiem os recém-nascidos hebreus do sexo masculino. Que os lancem ao Nilo.”

Israel encontrava-se no meio de uma vizinhança mortal, que fixara as suas atenções nos inocentes. Estava em curso uma perseguição organizada contra a nossa raça. A minha mãe estava grávida. Nós orámos, suplicando liberação. Orámos por uma menina. Mas Deus deu-nos um belo rapazinho. Ele devia ser de especial interesse para o próprio Deus, dada a maneira como cuidou dele (ver Actos 7:20).

Nunca fiquei a saber como conseguimos escondê-lo durante três meses. Ele chorava e gritava como qualquer outra criança. Como os meus pais tinham fé no Deus de seus pais! Nós elaborámos planos e esquemas, mas, acima de tudo, nós orámos. Orávamos, preparando-nos para as grandes coisas que Deus iria fazer.

Imaginem-me a esconder-me por entre os juncos das margens do rio Nilo, com uma constante oração nos lábios e os olhos fixos numa pequenina arca que boiava e balouçava nas águas escuras, esperando que Deus interviesse e tudo fizesse pelo melhor.

Para completar o quadro, a princesa real, filha de faraó, veio àquele preciso lugar para se banhar. Ela viu o barquinho, viu o bebé, caminhou dentro da água e puxou a pequenina arca para a margem. Eu vi-a ficar suspensa ao desembrulhar aquela forma redonda. Um rapaz! E hebreu, para mais!

Talvez eu a tenha assutado quando deslizei para fora do meu esconderijo. Surpreendentemente, as palavras vieram aos meus lábios com facilidade. Agora sei que Deus estava a dar-me palavras e sabedoria. Tudo ficou decidido numa questão de minutos. A minha mãe tinha de novo o seu bebé nos braços. Como consegui que a princesa não descobrisse quem ela era, apenas Deus sabe. Mas esta é outra história da Sua providência.

A princesa deu-lhe um nome: Moisés! — ‘Tirado das águas’. O seu nome haveria de lembrar-lhe sempre que Deus o livrara da crueldade de faraó.

O melhor

Deus deu a Moisés o que havia de melhor. Um lar hebreu para manter

puras a sua fé e as suas crenças, e uma educação egípcia para aguçar a sua mente penetrante.

Quarenta anos depois do episódio do Nilo, Moisés iniciou um movimento de resistência, e matou um egípcio. Alguns dias depois, chegou intempestivamente a nossa casa para nos dizer que tinha de partir. Ia exilar-se em Midian. Mas essa é também outra história.

Não o vimos durante 40 anos. Ele tinha 80 anos de idade quando voltou a aparecer! E Aarão era mais velho, e eu ainda mais velha! Unimo-nos a ele na condução de Israel para fora do Egito. Sabíamos que Deus abriria o caminho para a nossa saída e que nos levaria para a terra que prometera a Abraão, meu antepassado. Israel viu em Moisés um profeta e o povo dispôs-se a segui-lo.

Desde que Moisés regressara ao Egito, nós nada fizéramos senão ver Deus actuar. Tudo o que aconteceu foi, efectivamente, apenas actuação de Deus. Ele queria-nos para Seu povo. Oh! Quanto Deus amava o Seu povo para fazer tudo o que fez em seu favor!

Faraó e os seus exércitos tinham-nos deixado encurrallados entre as montanhas e o mar. Clamámos a Deus por auxílio. A maioria do povo pensava que a nossa situação não tinha saída e que estava para além de toda e qualquer possibilidade de auxílio. Ouvi os descontentes a murmurar: "Melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos neste deserto" (Êxo. 14:12).

Moisés respondeu: "Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor que hoje vos fará: porque aos egípcios que hoje vistes, nunca mais vereis, para sempre; o Senhor pelejará por vós e vos calareis" (versos 13 e 14). Moisés tinha uma tal visão de Deus e uma compreensão tão segura do Seu carácter, que nos convenceu do interesse pessoal de Deus em nós e assim, avançámos até à beira do mar.

Noite antecipada

A nuvem do anjo protector cobriu a nossa rectaguarda e escondeu-nos, obscurecendo o sol e fazendo antecipar a noite. Os egípcios não puderam atacar-nos. Depois veio um vento

atordoador, que dividiu o mar. Eu marchei à frente das mulheres e crianças, entre os muros da água congelada. Agora o povo acreditava. Agora temia a Jeová.

Poderei alguma vez esquecer esse dia? Poderá Israel esquecer a maneira como Deus nos guiou? Sem a nossa ajuda, sem a nossa cooperação, Ele salvou-nos. Na verdade, nada temos a temer senão esquecer-nos: éramos escravos, e Ele libertou-nos. Éramos indignos, e, não obstante, Ele pagou a nossa redenção.

Marchámos pelo meio das águas sem qualquer problema. Os egípcios seguiram-nos, dirigindo os seus carros ao longo da nossa trilha, fustigando os cavalos para avançarem, talvez sem se darem conta de onde estávamos realmente. O primeiro relâmpago provocou o pânico. Quem subsistiria naquele vale de paredes líquidas? Os cavalos e a cavalaria atolararam-se. O alarido tornou-se gritaria angustiante. Bradavam todos uns aos outros: "Fujam da face de Israel, porque o Senhor por eles peleja contra os egípcios" (verso 25). Era demasiado tarde. Eu vi as águas desmoronarem-se de um lado e outro sobre eles. Depois, desceu o silêncio.

"Cantai ao Senhor", cantei eu para Israel. "Cantai ao Senhor, porque sumamente se exaltou, e lançou no mar o cavalo com o seu cavaleiro" (Êxo. 15:21).

Desejava de todo o meu coração não ter que contar agora esta parte da minha história. Ainda não tínhamos ido muito longe, deserto adentro, quando Moisés mandou buscar sua mulher Zípora. Ela era, tal como eu, descendente de Abraão, embora não fosse hebreia. A sua tez era mais escura.

Jetro, seu pai, veio com ela. A minha inveja começou nesse dia. Não que eu tivesse razão de queixa contra Jetro. Ele era uma pessoa inteligente e com espírito de organização. Era um consultor administrativo. Viu que Moisés tinha muito que fazer e sugeriu-lhe uma estrutura própria para delegar responsabilidades em outros. Porém, nesse plano, não incluiu nem a Aarão nem a mim. Como se atreveu a passar por alto Míriam, a profetisa, e Aarão, o porta-voz?

Jetro foi-se embora, mas Zípora fi-

cou. Ela separou-me de Moisés. Aarão e eu tínhamos sido os confidentes de Moisés. Agora ele tinha Zípora, uma estrangeira, uma pessoa de cor diferente. É lícito a um dirigente ter uma esposa estrangeira? O monstro de olhos verdes, que é a inveja, estava a comer-me a alma.

Falei com Aarão para o levar a pensar como eu. Tornámos públicos os nossos sentimentos. Foi ele que falou, embora as palavras fossem minhas. "Porventura falou o Senhor somente por Moisés? Não falou também por nós?" (Números 12:2).

Moisés não disse nada. Mas Deus falou: "Vós três saí à tenda da congregação" (verso 4). O povo arastou-se logo atrás de nós.

Falando connosco

Ficámos à entrada da tenda, dois irmãos e uma irmã, aguardando. A nuvem divina pairou, com luz ora difusa ora brilhante, diante da entrada da tenda. Souu de novo a voz. Deus estava a chamar-nos para avançar, mas não a Moisés, apenas Aarão e eu. Ele ia falar-nos!

Sim, disse Deus, eu dei visões e sonhos aos profetas, mas com Moisés é diferente. Ele não recebe visões nem sonhos. Ele é mais do que um porta-voz. "Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras; pois ele vê a semelhança do Senhor; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo Moisés?" (versos 7, 8).

Oh, que culpa! Oh, que vergonha! Como pude presumir que o meu dom era igual ao seu? Porque não me regoziei tão-somente no que Deus estava a fazer? E não era justo que Moisés passasse tempo com Zípora? Com pele escura ou pele clara, ela pertencia ao povo de Deus e devia ocupar o seu lugar em Israel. A inveja, como um cancro, tinha devorado a minha fé em Deus e também o meu sã discernimento.

A luz brilhante afastou-se. Vi um olhar de horror no rosto de Aarão. Ele estava a fixar-me aterrorizado. Olhei para as minhas mãos. Brancas! Estavam como a neve! Eu estava leprosa! "Oh, não, Senhor!", gritei. "Assim não!" E tivera eu inveja da Zípora escurinha! A sua presença nunca mais

haveria de perturbar-me. O acampamento estava-me, a partir de agora, vedado! Os pensamentos turbilhavam na minha mente, enquanto permanecia ali, desamparada e desesperada.

Aarão falou com Moisés: “Ah, senhor meu, ora não ponhas sobre nós este pecado que fizemos loucamente, e com que havemos pecado” (verso 11).

E ali estava de novo Moisés, sem espírito de vingança. Que terrível humilhação! Sentindo a minha terrível condição. Horrorizado como Araão. Ali estava ele a orar por mim, sua irmã, que o traíra! “Ó Deus, rogo-te que a cures” (verso 13).

Aqui está a história da minha vida. Uma vida igual à de muitas outras pessoas. Momentos de triunfo, horas de desespero. Mas, controlando todas as coisas, um Deus que livra e que cura.

Que o meu tamboril fale por mim e por todos aqueles que Deus salva e redime. “O Senhor é a minha força e o meu cântico; Ele me foi por salvação.” Ele nunca nos abandona, nem mesmo quando nos afastamos d’Ele.

“Tu, com a tua beneficência guiaste a este povo que salvaste; com a tua força o levaste à habitação da tua santidade.” “Cantarei ao Senhor, porque sumamente se exaltou” (Êxo. 15:2, 13, 1).

Perguntas para Reflexão:

1. Que poderíamos comentar acerca da fé dos pais de Moisés?
2. Compare a actuação de Míriam, no episódio do resgate do menino Moisés, com a sua outra actuação, mais tarde, como guia de Israel. A que se deveu a diferença?
3. Que aprendemos acerca dos perigos do ciúme e da inveja?
4. Em que sentido é Moisés, nessa história, um tipo de Cristo?

Leitura Adicional: E. G. White, *Patriarcas e Profetas*, pp. 241-247; 281-290; 382-386.

Walter Scragg é director da Rádio Mundial Adventista. Até Julho de 1990 foi presidente da Divisão do Sul do Pacífico.

Sexta-feira, 29 de Novembro

Henry M. Wright

Sábio, Tornei-me Insensato

A peregrinação do Rei Salomão

Já não possuo a elasticidade de outrora. Lembro-me de ter reflectido sobre esta condição da humanidade há já muitos anos. Escrevi então: “Chegará o tempo em que os vossos olhos tremerão como por causa da idade, e as vossas fortes pernas ficarão fracas” (Ecl. 12:3, versão da “Living Bible”).

Mas Deus tem sido bom. Considerando algumas das insensatas decisões que tomei nos últimos anos, não tenho de que me queixar. Depois de adulto, comecei a conduzir-me como uma criança. É disto que desejo falar-vos.

O meu nome é Salomão, mas meu

pai chamava-me, carinhosamente, Jeddias, que quer dizer “amado de Deus”. O meu pai era um homem muito especial. É conhecido como o rei David. Para mim, ele era uma alta fortaleza. Ele e minha mãe amavam-se profundamente. No palácio, ela podia sempre estar junto dele. Contudo, eu nunca tive coragem para tratá-lo por papá. Algumas vezes chamei-lhe pai, mas geralmente tratava-o por senhor. Ele era um grande guerreiro e penso que durante toda a minha vida desejei ser como ele.

Recordo-me muito bem das palavras que o Senhor Deus me falou em

sonho, em Gibeon, quando era um jovem rei: “Se andares nos meus caminhos, guardando os meus estatutos e os meus mandamentos, como andou David, teu pai, também prolongarei os teus dias” (I Reis 3:14).

Dias de aflição

Por ocasião da última doença do meu pai, Adófias, o quarto filho de meu pai e o mais velho dos meus irmãos ainda vivos, proclamou-se a si mesmo rei, com o apoio de Joab e outros. Para supresa minha, Abiatar, um dos sacerdotes, também tomou o partido deles. Nesse meio tempo, minha mãe pleiteou com David para que me nomeasse seu sucessor. O meu pai aquiesceu, abdicando do trono em meu favor. Com o apoio de Natan, o profeta, e de Benaia, capitão da guarda palaciana, fui apressadamente proclamado rei.

Esses dias foram para mim dias de muitas e variadas emoções. Vibrava de emoção e simultaneamente sentia-me perturbado. E embora esperançoso, sentia-me desamparado no centro de acontecimentos tão extraordinários. O meu coração batia dentro de mim como um tambor. Embora já fosse um jovem, sentia-me como uma criança, não sabendo como entrar nem como sair. O meu pai tinha-me dito no seu leito de morte: “Aquele que governa sobre os homens deve ser justo, governando no temor de Deus” (II Sam. 23:3, versão “King James”). Oh, meus amigos, se tão-somente eu fosse capaz de fazer-vos compreender quão importante é não perder o senso da reverência e da dependência de Deus!

Nesses primeiros anos de governo, mantive a minha confiança em Deus e apoiava-me n’Ele. A minha constante oração era: “Ó Deus, dá ao rei os teus juízos, e a tua justiça ao filho do rei” (Sal. 72:1).

Consagração em Gibeon

Senti ser muito importante, logo no começo do meu reinado, estabelecer uma monarquia de governo piedoso. Meu pai tinha mandado erger uma tenda em Gibeon para alojar a arca de Deus. Por isso, Gibeon tornou-se o destino da minha primeira viagem fora de Jerusalém, após a cerimónia da entronização. Foi lá, em Gi-

beon, que Deus me ofereceu um cheque em branco: “Pede-me o que quiseres, e eu te darei” (II Crón. 1:7).

Sentia-me tão desamparado como jovem rei, que orei: “Agora, ó Senhor meu Deus, tu fizeste o teu servo rei em lugar de David meu pai; e eu não passo de uma criança: não sei como entrar nem como sair. ... Dá, pois, ao teu servo um coração entendido para julgar o teu povo, para que eu possa discernir entre o bem e o mal; pois quem é apto para julgar este teu tão grande povo?” (II Reis 3:7-9).

O Senhor respondeu generosamente à minha oração. Nessa mesma noite, prometeu-me: “Porque tu pediste sabedoria para governar o meu povo, e não pediste vida longa nem riquezas para ti, nem a destruição dos teus inimigos — sim, dar-te-ei o que pediste! Dar-te-ei uma mente mais sábia do que qualquer homem já teve ou jamais terá! E também te darei o que não pediste — riquezas e honra” (I Reis 3:11-13, versão “King James”).

Deus cumpriu a Sua palavra. A princípio, gradualmente, mas, à medida que eu me aplicava, a minha mente foi-se expandindo, apreendendo a ciência, a arte de governar, a arquitectura, a filosofia. Parecia-me que tinha tudo: instrução, segurança material, amigos, uma carreira profissional, tempo livre e as comodidades da época.

Parece haver um momento na vida de todos nós em que Deus abre as janelas dos céus e derrama bênçãos de oportunidades ilimitadas. Como Adão e Eva, imaculados na frescura da criação, todos nós somos levados, em dado momento, a uma encruzilhada que pode conduzir-nos a Deus ou à satisfação pessoal. Foi Moisés quem deixou escrita a escolha que Deus ofereceu aos meus antepassados: “Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente” (Deut. 30:19).

Em Gibeon eu escolhi a vida.

Mas, mais tarde, tive de aprender que, mesmo tendo escolhido a vida, Satanás persegue-nos e coloca no nosso caminho desvios e paragens marginais, cheios de sedução mundana. Perguntai a Lot e ele falará sobre o perigo de parar em Sodoma.

Escolhendo a direcção errada

É difícil determinar o momento exacto em que eu escolhi a direcção errada na estrada da minha vida. Foi no meu primeiro casamento? (Ela não pertencia à igreja.) Foi quando comecei a beber? (Realizámos uma grande quantidade de festas.) Foi, talvez, quando me vi com a abundância? (Havia riqueza de sobra.) Talvez tenha sido quando desenvolvi o arrogante conceito de que eu tinha “a verdade”? (Fiquei, então, vazio, discernindo cada vez menos a falácia dos meus caminhos.)

Mas, fosse quando fosse, acabei por esquecer-me de que o segredo da minha força era a minha comunhão com o Senhor. Quase parecia que o próprio dom que Deus me concedera se tornara um punhal apontado à minha alma. Já vos terá acontecido pensar assim?

Muitas vezes Satanás toma as bênçãos do povo de Deus — a riqueza, a inteligência, as instituições, a verdade, a beleza, os talentos — e volta-as contra nós. Ele toma a riqueza e desvia-a para o egoísmo e a cobiça. Toma a inteligência e torce-a para a arrogância e o fanatismo. Toma as nossas instituições e transforma-as em objectos de adoração e esterilidade denominacional. Toma a verdade e torna-a em dogmatismo e justiça própria. Satanás toma os nossos talentos e torce-os para se tornarem fontes de confiança e exaltação próprias.

Eu o sei, porque passei por tudo isso! Eu edifiquei, Eu possuí. Eu recebi. Eu conquistei. Eu prosperei.

Mas eu cometi um erro — um erro que muitos ainda cometem: voltei a mente para os restos do lixo das experiências mundanas. Talvez alguns de vós pensem que ser cristão é ser limitado, tacanho, é viver longe do “mundo real”. Muitos deduzem que os que são fiéis a Deus e aos Seus princípios vivem nas nuvens e são incapazes de enfrentar a vida no mundo da realidade. A educação nas escolas da igreja não é tomada em consideração. As normas da igreja são apelidadas de extravagantes e há uma atitude generalizada de que precisamos de libertar-nos da suposição ingénua que ser “bom” é tudo quanto nos é preciso.

Tal maneira de pensar pode levar-

-nos a uma sobreconfiança na nossa capacidade individual para lidar com as subtilezas de Satanás. E, assim, deixamos de manter em guarda as avenidas da alma. Expomos-nos, em completo abandono, à mesa do banquete dos pensamentos e experiências com a (falsa) confiança de que agora somos adultos, instruídos, que sabemos distinguir entre o certo e o errado, e não mais necessitamos, como as crianças necessitam, de ser protegidos da realidade.

Mas falhamos em compreender que a contínua exposição a essas experiências produz um forte efeito debilitante sobre a nossa determinação e diminui, em vez de aumentar, o nosso discernimento espiritual. A familiaridade gera o à-vontade e este minimiza o impacto do pecado. O que antes nos alarmava, agora mal nos impressiona. A própria mente em que depositávamos tanta confiança para “resolver” todas essas situações, está agora entorpecida, mutilada. Com racionalismo e orgulho, franzimos o sobrolho à ideia de que alguém se possa atrever a dizer-nos o que comer, aonde ir, o que ouvir, ou até o que vestir. Satanás tirou-nos o maior de todos os talentos — a nossa capacidade de escolha — e voltou-o contra nós como um punhal.

Nunca chega

Chegamos ao ponto de sentir que nunca temos o suficiente. “Os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir” (Ecl. 1:8). Eu tentei adquirir o conhecimento e a seguir, um conhecimento maior. Tentei as diversões, a bebida, os acontecimentos públicos, o controlo dos outros, as artes, as mulheres, as várias capacidades mentais e manuais. Sim, eu experimentei toda a espécie de comida, jogos, desportos. Tudo o que possais nomear, eu a isso me expus.

Os efeitos de tudo isso não são imediatamente notórios. Vai-se perdendo a capacidade e o desejo de agir rectamente. Embora proclamando que somos nós quem controla todas as coisas, embora acreditando que somos nós quem toma as decisões, falhamos em compreender que estamos sob o domínio de Satanás, o mais cruel feitor de escravos deste planeta. E quando pensamos que somos capazes de virar todas as coisas e alterar completa-

mente a situação, então damo-nos conta de que chegámos ao fim, tal como aconteceu ao meu antepassado Sansão.

Mas, misericórida das misericórdias, Deus não me abandonou. Uma pessoa que escreveu sobre a minha experiência, faz o seguinte comentário: "Contudo, o Senhor não o desamparou. Por mensagens de reprevação e severos juízos, Ele procurou despertar o rei para a constatação de sua conduta pecaminosa. Removeu dele o Seu cuidado protector, e permitiu que adversários molestassem e enfraquecessem o reino." (*Profetas e Reis*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1981, p. 74.)

Eu pergunto-te, leitor: Será possível que Deus esteja procurando chamar a tua atenção? Dar-Lhe-ás atenção? Eu pergunto aos membros do povo de Deus, no tempo do fim: Não será o aumento de problemas nas instituições da Igreja — escolas, hospitais e congregações — um sinal de que Deus está a permitir ao inimigo que nos persiga? Devo terminar. Só mais uma coisa: Deus deu-me um raio de esperança. Ele ofereceu-me o caminho para o arrependimento. Esse caminho, eu o palmilhei. E embora as consequências da minha estultícia tivessem tido o seu efeito, a misericórdia de Deus fluiu como um rio.

Eu, Salomão, lembrei-me da ma-

ravilhosa promessa que Deus me fizera quando concluí e consagrei ao Senhor a Sua casa de oração: "Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra" (II Crón. 7:14).

Hoje comparecerei perante a minha corte real e admoestarei a cada um: "Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos". E a seguir dirigi-lo-ei em oração. E tu, prezado leitor? Estarás pronto e desejoso de fazer o mesmo? Tens consciência da tua necessidade de consagração? Não queres ajoelhar-te imediatamente? Salomão, o sábio que se tornou insensato, anima-te a buscar o teu Salvador neste preciso momento.

Perguntas para Reflexão:

1. Que papel desempenhou a escolha de Salomão na sua grandeza como rei?
2. Que nos ensina a experiência de Salomão sobre a maneira de nos relacionarmos com o êxito?
3. Voltou Salomão a ser sensato? Se sim, como descreve o seu caminho de volta para Deus?

Henry M. Wright é secretário da União Columbiana dos Adventistas do Sétimo Dia.

do seu piedoso chefe, sucedido por seus ímpios filhos que levaram o povo para a apostasia. Contudo, o jovem Daniel, embora adolescente, havia redobrado a sua determinação de ser fiel a Deus.

Porque me castigas, Senhor? inquiria ele, mudando de um ombro para o outro o pesado saco que transportava. Dentro dele encontravam-se os vasos de ouro do Templo, que em breve seriam contaminados pelos sacerdotes pagãos de Babilónia. Onde estava o Deus do Templo?

Talvez nessa noite, acampado nas praias da Galileia, Daniel tivesse deixado escapar o mesmo grito que se ouviu no Calvário seis séculos mais tarde: "Porque me desamparaste?" A resposta que obteve foi o silêncio, apenas quebrado pelo resonar dos companheiros adormecidos. Então vieram-lhe à mente as palavras de conforto de um outro jovem, quatro séculos antes de Daniel: "Se fizer no Sheol a minha cama, eis que tu ali estás também. ... Até ali a tua mão me guiará, e a tua mão direita me sustará. Se eu disser: Decerto que as trevas me cobrirão; então a noite será luz à roda de mim" (Salmo 139:8-11)

Deus estava ali

Assim, afinal de contas. Deus estava ali. Tal como havia estado com Jacob na sua solitária viagem para um país estrangeiro. O mesmo Deus veiou também por Moisés. E Yahweh-Yreh, o Mantenedor, tinha também um plano especial para a vida de Daniel. O jovem cativo decidiu permanecer fiel a todo o custo, acontecesse o que acontecesse.

Na madrugada do dia seguinte, o cornetim soou, como de costume. Os soldados mal-humorados rasgaram os cobertores dos cativos ainda adormecidos e arremegaram-lhes pequenos pedaços de pão e de peixe. Pequeno almoço na cama, segundo a moda. A seguir era tempo de pôr os pés a caminho.

Ao meio-dia os jovens judeus deixaram-se cair para debaixo dos limitados círculos de sombra que as tamareiras gigantes lhes proporcionavam, e friccionaram os pés inchados, alimentando o seu ressentimento contra Deus. Não estavam acostumados a circunstâncias tão penosas, pois to-

Sábado, 30 de Novembro

Robert S. Folkenberg

Fiéis em Babilónia

Como Daniel venceu crise após crise durante sete décadas

O cascalho rangia sob o arrastar dos pés suados. O destino era Babilónia, aproximadamente a mil e seiscentos quilómetros de distância de Jerusalém. Muito longe dos pais, irmãos, irmãs e namoradas. Longe do lar, longe do templo. Longe de Deus?

O que é que me está a acontecer? Daniel angustiava-se enquanto cami-

nhava para o Norte com os seus companheiros cativos, ao longo da sinuosa estrada da montanha. O seu coração afundava-se ainda mais quando desciam para a fértil planície de Jezrael. Tinha sido ali que morrera, em batalha, o amado rei Josias, três anos antes, no lado de fora da fortaleza de Megido. A nação lamentara a perda

dos eles eram filhos privilegiados dos nobres de Judá! O rei da Babilónia escolhera-os como troféus para demonstrar a superioridade do seu deus Bel sobre o Deus dos Hebreus. E os soldados nunca perdião uma oportunidade de ridicularizar a religião dos Judeus. Sem dúvida, houve alguns cativos que sucumbiram aos maus tratos e blasfemaram contra aquele Deus que parecia não Se importar com eles.

Daniel fazia o que podia para lhes restaurar a sua coragem, destacando-se como guia entre os seus pares. Talvez ele tenha procurado persuadir os soldados a facilitarem-lhes a vida, dando-lhes, pelo menos, água suficiente. Não era possível fazer nada contra o causticante sol de Setembro. Um dia infin-dável seguia-se a outro dia infin-dável.

Após várias semanas, o esgotado grupo alcançou Carquemis e voltou para Leste, seguindo o fértil vale do rio Eufrates. Esta era uma terra estranha. Os agricultores que ceifavam os campos ergueram-se um pouco para observar a procissão dos presos. Os garotos das ruas das cidades atiravam pedras aos infelizes prisioneiros.

Finalmente, em meados de Outubro, o pesadelo aproximou-se do seu fim. Com exclamações de alegria, os soldados saudavam a vista da torre de Babel reconstruída, a qual se avolumava, ainda esbatida, no horizonte da capital da Babilónia. Daniel e os seus amigos não estavam assim tão interessados em ver a famosa e fabulosa cidade (perto da localização da moderna cidade de Bagdad, no Iraque), onde seriam “hóspedes” do legendário despotismo Nabucodonosor. Enquanto atravessavam as maciças portas da Babilónia, Daniel imaginava o que lhes iria acontecer.

Para seu alívio, bem cedo aprendeu que o carácter de Nabucodonosor tinha um outro aspecto. Além de um temível conquistador, ele era também um sábio administrador. O rei explicou amavelmente aos prisioneiros hebreus que queria adestrar-los para a administração pública. E por isso; Daniel e os seus amigos não foram para a masmorra, mas para o dormitório.

A princípio, quando os invasores pagãos os tinham raptado na sua pátria, parecera-lhes isso o fim do mundo. E, de repente, ofereciam-lhes uma bela vida! Uma bolsa de estudos para

frequentarem a Universidade da Babilónia e uma bela carreira no governo, depois da sua formatura.

Segundo as aparências exteriores, as esperanças de Daniel pareciam ligadas à Babilónia. As suas orações para Deus livrar Jerusalém tinham ficado, aparentemente, sem resposta, e agora o mundo gentílico abria-lhes os braços da oportunidade. Porque não abandonar tudo e entregar-se às tentações da Babilónia? Nabucodonosor procurava tornar isso mais fácil tentando apagar todo e qualquer traço da herança hebraica, até mesmo mudando o nome de Daniel para outro nome que dava louvor a um deus pagão.

“Compreendo”, terá dito o rei, “que o teu nome significa ‘Deus é meu juiz’. Isso é muito poético. Mas onde estava Ele quando eu cerquei Jerusalém e vos fiz prisioneiros? Obviamente, o meu deus é mais poderoso. E por isso vamos passar a chamar-te Belteshazar, que significa ‘Bel protege a sua vida’.”

Muitos dos cativos de Jerusalém sucumbiram, certamente, à lavagem cerebral que lhes foi ministrada por Nabucodonosor, mas Daniel e os seus companheiros apegaram-se firmemente à sua fé.

O maligno, porém, não os deixou em paz. Empreendeu um ataque a partir de outra direcção. Visto que Daniel e os seus companheiros resistiam à tentação de duvidarem do cuidado de Deus por eles, então colocou-os numa situação difícil de agirem com base no que presumiam ser.

Pressões na sala de jantar

Quando Daniel e os seus amigos entraram no refeitório para o almoço, repararam que as mesas estavam repletas de alimentos que eles não deviam comer — grandes quantidades de carnes imundas, especiarias e doçarias requintadas. Posso imaginá-los de pé, sem saber o que fazer. Certamente que o seguinte pensamento surgiu nas suas mentes: *É bom para nós ficar de acordo com o rei. Para que havemos de comprometer este relacionamento por uma coisa tão simples como a comida? Se fosse uma questão de culto, de adoração, então teríamos de tomar imediatamente uma posição. Mas não sendo, talvez mais tarde, dentro de algumas semanas, possamos fazer os ar-*

ranjos necessários para ter a dieta que sabemos ser a melhor.

A tentação para racionalizar, para desobedecer, estava ali. Mas “Daniel assentou no seu coração não se contaminar”. Se não traçassem imediatamente uma linha demarcatória, a sua integridade ia ficar comprometida.

Com uma oração no coração, Daniel foi ter com o oficial responsável pelo refeitório. “Vejo que o seu chefe de cozinha preparou com muito esmero uma boa refeição, e nós muito o apreciamos. Mas, será que terá por aqui alguns figos, e, quem sabe, algum pão de cevada?”

Compreensivelmente, o homem ficou ofendido: “Vocês não gostam da nossa comida? É a melhor da Babilónia, é a que come o próprio rei!”

Daniel sorriu: “Frutos e legumes seriam mais fáceis de preparar e mais de harmonia com as nossas convicções religiosas”

“Lamento, Daniel. Eu gosto de vocês, mas a minha cabeça rolará se não vos alimentar convenientemente.”

Daniel sabia fazer melhor do que argumentar acerca da reforma da saúde. Ficou alguns segundos em silêncio, orando por sabedoria, e a seguir propôs:

“Que acha? Dê-nos 10 dias. Apenas 10 dias. e veja o que a nossa dieta fará por nós.”

Uma solução engenhosa, vindia de adolescentes determinados a ser fiéis. Não os honraria Deus? É no fim desses 10 dias, o próprio oficial teve de reconhecer que Daniel e os seus amigos tinham melhor aspecto que todos os outros estudantes.

Teste após teste, durante aqueles três anos de treino e estudo, a sua integridade permaneceu sem mancha. E aqueles jovens hebreus não sobreviveram apenas em Babilónia — eles sobressairam. Quando o próprio Nabucodonosor os interrogou, no exame final, ele declarou que esses jovens eram muito superiores aos seus companheiros em sabedoria e capacidades. Daniel e os seus amigos ultrapassavam até os estabelecidos sábios do reino. Radiante de orgulho, o rei nomeou-os para cargos de responsabilidade.

Sem dúvida que os conselheiros de Nabucodonosor, com inveja destes jovens riavais hebreus, aproveitaram todas as oportunidades para lhes com-

plicar a vida. Uma noite, Daniel teve oportunidade de se vingar. Nabucodonosor teve um sonho muito perturbador, que esqueceu de imediato. Mas, de algum modo, esse sonho parecia-lhe de grande significado. Desesperado, ordenou aos magos do reino que o ajudassem a lembrar-se do seu sonho. Quando esses fingidos magos revelaram a sua ignorância, o rei decretou a sua morte. A intercessão de Daniel salvou-lhes as vidas. E que testemunho do “excelente espírito” de Deus que havia no seu coração!

O tempo foi passando, e a orgulhosa cabeça de ouro de Babilónia veio e foi, mas Daniel permaneceu. Dario, rei dos Medo-persas, fez do nonagenário judeu seu primeiro-ministro. Imaginem o cenário. Suponhamos que uma potência estrangeira derrotava o vosso país e colocava o vosso vice-presidente como primeiro-ministro. Esta foi a experiência de Daniel — um feito político talvez único na história do mundo.

Vencer pela fé

Durante setenta anos, em Babilónia, Daniel enfrentou crise após crise. E venceu-as a todas pela fé. Perto do fim da sua vida, vemos que a sua consagração a Deus é tão fervorosa e incorrupta como no dia em que Nabucodonosor o levou para Jerusalém. Vamos fazer-lhe uma visita para ver como ele se sente após todos estes anos.

Vamos encontrá-lo profundamente perturbado — não por qualquer revés político ou humilhação, mas porque o reino de Deus parecia ameaçado. Eis como Daniel descreveu a sua reacção: “Dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e rogos, com jejum, e saco e cinza” (Dan. 9:3). Mas porque estaria tão angustiado este idoso profeta? Como notável dirigente do mais poderoso reino do mundo, ele tinha um futuro assegurado. Além disso, ele era demasiado idoso para voltar para jerusalém. Então porque se haveria de preocupar?

Ele amava profundamente ao Senhor: era por isso que se preocupava. Comprendia que todas as promessas do concerto de Deus são condicionais — baseadas na cooperação humana. Teria a persistente impiedade do po-

vo de Deus anulado o concerto? Os exilados nunca haveriam de voltar à sua pátria? Daniel pleiteou pelo seu caso: “Nós pecámos: obrámos impiedosamente” (Dan. 9:15).

De que falava Daniel, ao confessar-se pecador? Não temos nenhum relato que diga que ele se submeteu alguma vez ao pecado. Mesmo os seus invejosos inimigos nada encontraram no seu carácter para o acusarem, excepto a sua impecável fidelidade a Deus. Todavia, Daniel estava sendo honesto consigo mesmo. Embora ele não tivesse nada de especial de que se arrepender, ele sabia que, tal como todos os outros, ele não atingira o glorioso ideal de Deus para ele. E por isso, confessava-se pecador no meio de uma comunidade que precisava de um Messias.

Daniel pôs a sua esperança na salvação pela graça: “Não lançamos as nossas suplicas perante a tua face, fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias. Ó Senhor, ouve: ó Senhor, perdoa: ó Senhor, atende-nos e opera sem tardar” (Dan. 9:18 e 19).

Encontramo-nos na década de noventa e eu creio que ainda temos muito que aprender de Daniel. Também nós estamos perante uma demora no cumprimento do prometido regresso à pátria. De todos os lados se erguem dedos acusadores. Os “conservadores” condenam os “liberais” por se conformarem com padrões rebaixados. Por sua vez, os “liberais” acusam os “conservadores” de prejudicarem a evangelização com o seu legalismo.

Há muito de verdade nas acusações formuladas por ambos os lados, mas creio que esse espírito está completamente errado. Sim, temos de lidar francamente e de modo decidido

com os nossos problemas, mas apenas com o amor de Jesus. Precisamos da atitude humilde de Daniel — não do “tu pecaste”, mas do “nós pecámos”.

Irmão e irmã Adventista do Sétimo Dia: nós temos de permanecer unidos. A obra de Deus não estará terminada sem estar terminada tanto no Nebrasca como em Nairobi ou na Neerlandia. Precisamos tanto do Espírito de Jesus para unir os nossos corações como para confessar:

Ó Senhor, perdoa a nossa igreja por amar de boca a Tua Lei, enquanto ignora os seus reclamos por compaixão e entrega. Perdoa à minha família por sermos mais fervorosos nos nossos passatempos do que em partilhar o Teu amor. Perdoa-me por falhar em ser tão amável com a minha família quanto o sou para com o meu patrão (aquele que me emprega). Tem misericórdia de nós, Senhor! Purifica os nossos corações e ilumina a Tua igreja. Que a Tua vontade seja feita na terra e que o Teu reino venha em breve!

Perguntas para Reflexão

1. Qual era o segredo da fidelidade de Daniel a Deus, demonstrada em todas as provas por que passou?

2. De que modo a experiência de Daniel foi uma controvérsia entre o deus da Babilónia e o Deus de Israel?

3. Que lições, acerca da oração, se aprendem com Daniel?

4. Qual é para si a principal lição desta leitura?

Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

A OFERTA DA SEMANA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIO SERÁ LEVANTADA HOJE

Heróis da Bíblia para Hoje

Nota: Há, e sempre houve, um só ser perfeito: Jesus. Mas a cada homem, mulher e criança foi dada uma missão. Poucos a aceitam. Nos próximos oito dias vamos falar de heróis da Bíblia. Que podem eles dizer-nos que torne a nossa missão mais fácil de cumprir?

Antes de ouvir falar de cada personalidade da Bíblia, peça às crianças que fechem os olhos durante um minuto. Ajude-as a imaginar-se a si mesmas no lugar da pessoa em questão. Prepare o ambiente. Lembre-se de que, para ser um professor realmente eficiente, precisa de saber, no mínimo, duas vezes mais do que aquilo que será possível partilhar com as crianças, no tempo de que dispõe.

A sua voz é extraordinariamente importante. Pense como cada palavra soará. Fale mais alto ou mais baixo, consoante o caso requeira. Quando fizer perguntas, faça-as de modo natural; manifeste entusiasmo, se for necessário.

Faça pausas frequentes, dando tempo às crianças para compreenderem e assimilarem o que lhes está a dizer. Mas, acima de tudo, não tenha pressa. Ajude-as a sentirem-se em uníssono com esses gigantes da Bíblia. E que o Senhor abençoe a cada professor ou professora ao procurar tornar reais essas personagens!

SÁBADO
23 de Novembro

João, um Mensageiro Poderoso

Para começar

1. Peça a cada criança presente para lhe mencionar algo de especial, único, ou memorável sobre João Baptista.

2. Leia alternadamente com as crianças, em voz alta, (qualquer versão) Lucas 1:5-23; Lucas 1:57-66; Mateus 11:2-6; Marcos 1:2-14; Marcos 6:17-30.

3. Antes das crianças se irem embora, peça-lhes que leiam ou estudem quanto puderem sobre a mensagem de amanhã, que falará de Abraão.

Meninos, meninas, jovens:

Tenho pouco tempo e preciso de escrever-nos. A maior parte de vós, se não todos, conhecem a história

do meu nascimento. Que surpresa para os meus idosos pais! Mesmo o anúncio que o anjo fizera ao meu pai, como se lembram, suscitou muita atenção.

O meu pai ficou mudo por não ter acreditado nas suas palavras.

Por causa da sua falta de fé, ele foi ferido de mudez, e isto diante de uma grande multidão de pessoas. Nem mais nem menos.

Uma das minhas mais antigas recordações é a de meu pai a contar-me como o anjo Gabriel lhe dissera que o meu nome deveria ser João, que significava «Jeová é misericordioso». Depois do meu nascimento, a minha mãe ainda teve que insistir para que me fosse posto esse nome. Todos da nossa família, os amigos e até os vizinhos, achavam que «Zacarias Filho» seria mais apropriado, mas os meus pais nunca hesitaram. A minha mãe declarou simplesmente: «Ele será chamado João.»

Que se passa com o vosso nome? Ele tem um significado. Pergunte à vossa mãe ou ao vosso pai. O vos-

so nome pode ser motivo de conforto ou um desafio.

Dado que eu era um menino-milagre, os meus pais foram muito cuidadosos com a maneira de me educar. Talvez alguns de vocês também sejam meninos-milagre. Precisamente como Isaac, Samuel e eu. Arranjam tempo para falar com os vossos pais durante esta semana e perguntelhes se eles sentem que Deus tem um trabalho especial para vocês.

Provavelmente, já ouviram falar da minha roupa (pelos de camelo, com um cinto de couro ao redor da cintura), da comida que eu comia (gafanhotos e mel silvestre), e onde eu cresci (no deserto). Este estilo de vida não me foi imposto, mas fui eu que o escolhi. Os meus pais, pessoas tementes a Deus, tinham vivido sempre de modo diferente do das pessoas à nossa volta.

Eu precisava de manter a mente clara. O que vocês comem, as coisas que vêem, sim, até mesmo as pessoas que convosco se associam, tudo isso é muito importante para vocês hoje, tal como

as minhas escolhas foram importantes para mim. Dizer «não» às coisas mundanas não é fácil. Mas olhem! Eu recomendo-vos de todo o coração que o façam. Muitas vezes parece que não vão adaptar-se, mas, no fim, vão ver que se estão a tornar cada vez mais semelhantes a Jesus.

Como sabem, eu já ouvira falar de Jesus, meu primo, o Messias. Eu haveria de pregar acerca d'Ele, baptizá-l'O e ajudar as pessoas a preparam-se para o Seu reino.

Muitas vezes, enquanto crescia, pensei n'Ele. Seria eu capaz de O reconhecer quando nos encontrássemos? E Ele? Iria reconhecer-me e aceitar-me?

Jesus e eu nunca tínhamos tido oportunidade de nos encontrarmos, até eu começar a pregar. Eu tinha apenas alguns ouvintes. Preguei sempre junto da água, porque a minha mensagem, «Arrependei-vos e sede baptizados, porque o reino de Deus está às portas», motivava muitos a desejar o baptismo.

Quando Jesus chegou, não tive dúvidas que era Ele!

A Sua presença era santa e inspirava um respeitoso temor. De imediato percebi que Ele é que devia baptizar-me.

Quando Ele saiu da água, todo o céu brilhou. Pensei que todos tínhamos visto aquela pomba e ouvido a voz, mas suponho que isso aconteceu apenas com alguns. Como poderiam os outros ser tão cegos?

O meu mundo, na verdade desmoronou-se quando Herodes me lançou na prisão. Os meus discípulos foram-me leais. Apesar disso perguntavam-me muitas vezes porque seria que Jesus continuava em liberdade enquanto eu me consumia na prisão. Desencorajavam-me. Como eu peço a Deus que vocês não desanimem os vossos amigos! Decidam que serão sempre encorajadores, pois vocês serão sempre necessários.

Finalmente, porque me parecia ter sido esquecido, enviei dois discípulos para falarem com Jesus. Queria que me trouxessem algumas respostas. Embora tivesse duvidado algumas vezes, continuei a manter a fé n'Ele.

«És Tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?» perguntaram a Jesus, olhando-O no rosto.

Como sabem, em vez de lhes dar uma resposta, Ele continuou a curar os doentes, a falar, a tocar nas pessoas, até mesmo a expulsar demónios. Assim, à tardinha, Jesus chamou os meus dois discípulos para junto de Si e disse-lhes que me contassem tudo o que tinham testemunhado.

Foi o bastante. Num ápice, compreendi. Ele precisa de crescer. Eu preciso de diminuir. Ele poderia ter salvo a minha vida. Mas a maior honra advém de fazer o que quer que seja que Je-

sus pedir de nós, mesmo que isso signifique morrer por Ele. Não poderia ser de outro modo comigo. Tenham coragem. Deus está sempre a postos por vocês. Vivam por Ele.

Do amigo no serviço real
João Baptista

Perguntas para reflexão

1. Quantos de vocês pensam que seriam capazes de desejar morrer por Jesus? Porquê? Porque não?

2. Deveríamos lamentarnos por ter que morrer por Jesus, ou deveríamos estar mais interessados em viver cada dia como exemplos do amor de Jesus?

3. Descrevam as vossas ideias acerca de usar pelos de camelo e vestes de couro. Que espécie de alimento é «gafanhotos e mel silvestre»?

(Para quem dirige é bom que faça algumas pesquisas sobre o assunto, e uma boa fonte de respostas é o Comentário Bíblico Adventista.)

4. Que aprenderam vocês sobre a vida de João Baptista?

uma carta a Abraão. Podem fazer-lhe perguntas, contar-lhe como o exemplo dele vos deu coragem, ou até falar-lhe de um episódio engracado, ou triste, que acham que se passou com ele.

[Dê 10 a 15 minutos.
Convide as crianças a lerem as suas cartas em voz alta, ou então receba-as todas e leia-as ao grupo. Dê alguns minutos para que as crianças comentem cada carta.]

Fale um pouco acerca de «fé». Torne o assunto real. Eis um exemplo: uma criança a pular para os braços do pai.

Convide cada criança a fazer uma oração de duas ou três frases, pedindo fé para a sua vida.]

Queridos amiguinhos:

A minha vida começou de modo muito comum. Como muitos de vocês, eu vivia confortavelmente. Então, certo dia, quando já era um homenzinho, Deus chamou-me.

Deus disse-me que empacotasse as minhas coisas e me mudasse. Pelo resto da minha vida tenho morado em tendas. Deixei a maior parte das comodidades da vida para trás. O meu pai e outros membros da família decidiram ir comigo nessa mudança. Vendemos tudo o que podíamos para irmos para a terra de Canaã. Muitos de vocês já se mudaram e sabem como ficamos isolados num lugar novo.

Nesse novo lugar, meu pai Taré faleceu. Mas muitos dos meus novos amigos em Haran aceitaram o meu modo de viver. Para onde quer que eu me mudasse, logo cavava poços para melhorar a terra e construía altares para adorar o verdadeiro Deus, Jeová.

Depois da morte de meu

pai, com a minha família e novos amigos, arrumámos de novo as nossas bagagens e então fomos para a terra de Canaã. Correu tudo bem durante algum tempo, mas pouco depois sobreveio uma fome. Fomos obrigados a mudar-nos para o Egito.

Uma vez no Egito, receei que os pagãos quisessem tirar-me a minha bela esposa, Sarai, e me matassem para tê-la. Assim, visto que não tínhamos filhos, pensei que deveria dizer a todas as pessoas que Sarai era minha irmã (o que em parte era mesmo verdade). Então, se o rei a quisesse, não tinha que me matar primeiro.

Que erro! A mentira — mesmo que sejam meias verdades — só causa sofrimento. Quando faraó a levou para casa, Deus fez acontecer coisas terríveis a ele e ao seu reino. Nem seria preciso dizer, mas quando as coisas ficaram todas acertadas, as pessoas tinham medo de mim e queriam ver-me o mais longe possível.

Eu tinha um maravilhoso traço de carácter que, às vezes, me colocava em dificuldades: era um amante da paz. Quando disse que a minha mulher era minha irmã, quando arranjei uma outra esposa com o intuito de ajudar Deus a cumprir a promessa que me fizera de me dar um filho, e quando fui resgatar o meu sobrinho Lot entrei em dificuldades.

A minha disposição pacífica ajudou-me, contudo, quando deixei que Lot fosse o primeiro a escolher a terra. Ajudou-me quando eu estava a educar Isaac e quando servi de intercessor, ao suplicar que a vida de Lot fosse poupadna na destruição de Sodoma.

Arrepio-me só de pensar como teria sido a minha vi-

DOMINGO
24 de Novembro

Abraão, o pai dos crentes

Nota: Mantenha as crianças interessadas e participativas

Muitos de vocês fizeram algumas pesquisas sobre a vida de Abraão. Eu vou dar-vos um pedaço de papel e um lápis, e vocês escrevem

da na ímpia cidade em que cresci. Que teria acontecido se eu não seguisse a direção apontada por Deus? Com certeza, só Ele o pode saber.

Para onde quer que eu fosse, Deus abençoava-me sempre. Quanto mais eu dava, tanto mais Deus me dava também. Assim, tornei-me um homem rico.

A minha prova mais difícil veio quando Deus me pediu que sacrificasse o meu amado filho Isaac. Agora sei que a fé é uma coisa que devemos usar muitas vezes, e que se torna maior cada vez que é usada. Sim, aquela viagem ao cimo da montanha foi a mais comprida da minha vida.

As provas que vocês têm na vida não são iguais às minhas, mas essas provas virão. Posso garantir-vos que Deus pode e há-de prover. Confiem n'Ele!

Depois de Deus, a minha família ocupava o mais alto lugar na minha vida. Não queríamos ídolos dentro de casa e, em lugar da idolatria, construímos altares a Jeová. Em nossa casa fazímos da oração uma sagrada responsabilidade e não uma opção.

Depois de eu ter passado quase 25 anos em Canaã, Deus apareceu-me. Cai sobre o meu rosto perante Ele e Ele renovou as promessas que me fizera.

Deus mudou o meu nome de Abrão para Abraão (que quer dizer pai de uma grande multidão). A Sarai deu Ele o nome de Sara (que significa Princesa), «porque», disse a voz de Deus «ela será mãe das nações; reis de povos sairão dela».

O que é que as pessoas pensam quando ouvem o vosso homem? E a vossa família, amigos, vizinhos ou colegas de escola? Deus é glorificado com a vossa con-

duta? Deus tem planos para vocês. Mantenham a vossa fé. Andem com Deus.

Abraão

Para Reflexão

Passe alguns minutos a falar às crianças sobre os seus nomes — nomes e apelidos. O nome delas glorifica a Deus? O sobrenome é adequado? Pode-se mudar um nome ou apelido?

1. Mentir é um pecado tão grave hoje como nos tempos de Abraão?

2. Fale de uma provação, de uma tristeza ou dificuldade da sua vida que pense ter sido uma maneira de Deus o preparar para as provas maiores que lhe sobrevirão quando for mais crescido. Parece-lhe que a sua família tem problemas maiores que os seus?

tros talvez tenham vindo agora à igreja. É possível que outros pertençam a uma igreja diferente, ou até que não tenham nenhuma igreja.

Eu, Rute, sou como aqueles de vocês que nem sempre foram cristãos. Como sabem, eu era moabita e assim fui educada. Quando houve uma grande fome em Judá, veio uma família israelita morar na nossa terra.

Algum tempo depois da sua chegada, o pai morreu. Eu apaixonei-me e casei com um dos rapazes. Penso que eu e Orfa, a esposa do outro filho, ajudámos a fazer voltar a alegria àquele lar.

Que mudança este casamento trouxe à minha vida! Os nossos lares eram felizes. Na minha nova família, o Senhor Deus Jeová era muito importante. E a minha sogra Noemi fazia o possível para que a vida fosse realmente especial para todos nós. Como eu aprendi a amá-la!

Mas mais uma vez a tragédia se abateu sobre a nossa família. Orfa e eu perdemos os nossos maridos, Maalon e Quelion, os tão necessários homens da família.

Algum tempo depois de eles terem morrido, Noemi ouviu dizer que a fome em Judá já tinha acabado. Immediatamente ela começou a fazer planos para regressar à sua pátria. Orfa e eu esperávamos ir com ela.

Mas Noemi encorajou-nos, e até insistiu, para que ficássemos perto das nossas famílias. Aqui, dizia ela, nós teríamos mais oportunidades de voltar a casar e fazer parte de uma grande família. Orfa, finalmente, desistiu de ir e regressou ao seu povo.

Mas eu não o fiz. Eu não tinha o menor desejo de voltar ao meu antigo estilo de

vida. Por isso recusei. Noemi e eu viajávamos juntas. O seu Deus, a sua amável disposição, os seus elevados ideais, tudo isso me mostrava algo pelo qual valia a pena viver. Também eu queria seguir o verdadeiro Deus.

Sei que foi difícil para Noemi o regresso a Belém, sem o marido e os filhos. Ela não tinha senão uma noiva para cuidar dela. De facto, Noemi disse às pessoas da sua terra que não mais a chamassem Noemi (que significa «agradável»), mas que lhe chamassem Mara, que quer dizer «amargosa», pois ela sentia que o Senhor a tinha provado de modo muito amargo.

Aprendi que a vida tem alegrias e tristezas, tempos bons e tempos maus. Vocês vão encontrar também isso nas vossas vidas. São preciosas boas e más experiências para vocês crescerem e se tornarem fortes, e confiarem no nosso grande Deus.

Mas as coisas que tornam a vida digna de ser vivida são o amor, a amizade, a família e, acima de tudo, Deus. Ele nunca nos abandona. De facto, a minha história tem um final fantástico.

Nós precisávamos de comer, de modo que Noemi deu-me instruções para eu ir para os campos e colher o que era deixado no chão depois de os trabalhadores, que estavam ao serviço, terem terminado a ceifa das searas. Era um trabalho penoso, mas era melhor do que morrer à fome.

No meu primeiro dia nos campos atraí a atenção de muitos ceifeiros. «Quem é ela?» perguntavam. Logo calcularam que eu era a jovem moabita que tinha vindo para a cidade, com Noemi. Mas, em vez de me tratarem como estrangeira, foram amáveis para mim.

SEGUNDA-FEIRA
25 de Novembro

Rute: «O teu Deus é o meu Deus»

Falemos de Rute

Peça a cada criança presente para lhe dizer o que pensa que torna Rute mais conhecida. Pode escrever as respostas das crianças no quadro ou numa folha de papel.

— Que sabem sobre a família de Rute?

Queridos estrangeiros:

Escrevo-vos como uma pessoa amiga. Alguns de vocês têm sido cristãos adventistas toda a vossa vida. Ou-

Um homem mais velho, chamado Booz, fez o máximo por mim. Deu instruções aos seus trabalhadores para deixarem parte da ceifa para mim. Quase não podia levar para casa a minha colheita daquele primeiro dia.

Vocês acreditam que Booz se tornou uma espécie de parente meu? E antes de muito tempo tudo se arranjou e nós casámo-nos. Embora Booz fosse muito mais velho que eu, ele amou-me. E Deus abençou-nos, dando-nos logo um filho.

Os nossos vizinhos e amigos deram a este precioso bebé o nome de Obed (que significa «servo de Deus» ou, como dizem outros, «adoração»).

Vocês conhecem o filho de Obed como sendo o pai de Jessé, e este é o pai de David, um antepassado de Jesus.

Digo-vos, meus amigos, sigam a Jesus. O Seu caminho é o único caminho.

Um membro da família de Deus,

Rute

Como reagimos nós?

1. Que aprenderam sobre a vida de Rute?

2. Vocês são amáveis e generosos para as pessoas que visitam a vossa Escola Sabatina? Ou que vão a vossa casa?

3. São amáveis e generosos para com as pessoas, mesmo que sejam de outra cor, de outra igreja, ou não pertençam a nenhuma igreja?

4. Que podemos fazer para que os estranhos se sintam bem e fiquem com vontade de voltar outra vez à nossa casa ou à nossa Escola Sabatina?

TERÇA-FEIRA
26 de Novembro

David, homem de guerra

Nota: Peça às crianças que, individualmente ou em grupo, façam uma lista dos pontos fortes e das fragilidades de David. (Dê 10 a 15 minutos para isso e, se preferir, pode deixá-las usar as suas Bíblias.) Se as listas forem individuais, leia-as em voz alta.

1. Deus usa apenas pessoas perfeitas no Seu trabalho? (Dê 3 a 4 minutos para debate.)

2. Porque acham que Deus escolheu usar David?

Vivam, jovens amigos!

Quando vocês estudam a minha vida descobrem muitas coisas interessantes. Eu era o mais novo dos filhos de Jessé. Talvez possam dizer que eu recebera muito mimo e estava mal habituado. Muitos dizem que eu tinha boa aparência, que era talentoso, agressivo, embora não fosse um gigante.

O facto de ter sete irmãos com quem aprender deu-me a sensação de que podia fazer quase tudo. As pessoas ficaram impressionadas comigo quando matei um urso e um leão só com as minhas mãos, isto é, sem armas, e ainda mais, quando matei um gigante usando apenas um seixo e uma funda. Claro! Eu sabia que era realmente Deus quem me usava e dava força!

Por me ter sido atribuída a tarefa de pastor de ovelhas, eu tinha a oportunidade de ficar muito tempo so-

zinho. Por isso aproveitava o tempo para me exercitar com a funda, para escrever, cantar, tocar instrumentos e falar com Deus.

Que surpresa ter sido ungido rei de Israel, quando era apenas um rapazinho! Talvez alguns de vocês, a quem estou escrevendo, já tenham feito planos para a vossa vida.

Penso dizer que Deus estava comigo, mesmo quando eu era ainda criança. Poucas pessoas além da minha família mais chegada sabiam que eu tinha sido escolhido para ser o próximo rei de Israel. À medida que o tempo passava, o rei daquela época, Saul, foi ficando doente — possesso pelo demónio, até —, de modo que os médicos sugeriram um tratamento através da música. Começaram a procurar o melhor cantor e tocador de harpa do país, e eu fui escolhido. Que tarefa! Mas havia mais. Eu nunca sabia quando é que o rei Saul tentaria matar-me e ele tentou várias vezes.

Mas Deus, mais uma vez, me ajudou. Eu agradei ao rei Saul e pouco tempo depois ele deu-me o cargo efectivo de seu pagem de armas. Que oportunidade! Fiquei em contacto com pessoas muito importantes e aprendi pela prática como era a vida de um rei.

Pode dizer-se que eu tinha grandes ambições na vida. Mas a verdade é que sempre me vi em complicações e estas nunca acabavam. Arranjei muitas esposas, cheguei até a matar um homem por causa disso, envolvi-me em grandes guerras, ambicionei muito poder, e tive problemas com os meus filhos. Até tive que travar uma batalha contra meu filho Absalão, que queria tirar-me o reino. Como

eu sofri quando ele foi morto!

Vocês podem ler sobre os meus altos e baixos nos Salmos. Eu sabia que podia clamar sempre ao Senhor para me livrar — muito embora, às vezes, tenha querido andar adiante da Sua direcção.

Alguns de vocês, jovens, podem identificar-se comigo. Gostam de fazer a vossa própria vontade, mas acabam por achar-se sempre em dificuldades. No entanto, apesar de tudo, estão sendo chamados a fazer muitas coisas com os talentos e capacidades que Deus vos deu.

Não esperem que o caminho seja um mar de rosas, largo e plano. Depois de Samuel me ter ungido, passaram 15 anos antes que me tornasse rei de Israel. Quinze duros anos!

Muitas vezes o tema dos meus salmos era o cuidado protector de Deus, pois muitas foram as vezes que Ele me livrou do perigo e me deu a vitória. Vocês já se demoraram a pensar na protecção de Deus na vossa ainda curta vida? Vocês talvez precisem de escrever alguns salmos vossos.

As minhas últimas palavras encontram-se em II Samuel 23:2-7. Descobri que «Todo o homem que dirige deve, portanto, fazê-lo no constante temor de Deus, sempre consciente de que dirige por expressa indicação de Deus, e que Deus o tem por responsável por cada uma das suas decisões.» (*The SDA Bible Commentary*, vol. 2, p. 706.)

Eu queria fazer o bem, tal como acontece com vocês quando são chamados à responsabilidade pelo que fizeram. Eu tinha a certeza que Deus me amava. E vocês também podem ter a certeza absoluta desse amor.

Não dêem atenção quan-

do o diabo enunciar a lista dos vossos pecados e disser que não adianta lutar. Deus pode perdoar. Ele ama-nos muito. Escolham o Seu serviço.

Pronto a lutar,
Rei David

Falemos sobre este tema

1. Qual a coisa mais importante que aprenderam sobre a vida de David? (Não há resposta certa ou errada. Dê a cada criança uma oportunidade de se manifestar, se o desejar fazer.)

2. Como é que vocês se sentiriam se fossem um irmão de David? Ficariam surpreendidos por não terem sido vocês o escolhido?

3. São capazes de dizer o nome de alguns amigos de David? E dos seus inimigos? Terão todos os cristãos amigos e inimigos? E vocês? Porquê?

QUARTA-FEIRA
27 de Novembro

Pedro: Age primeiro; pensa depois

Preparação:

Despenda algum tempo a estudar o homem Pedro. Aprenda a amá-lo, a sentir com ele, a sofrer com ele. A seguir:

1. Faça um questionário do género «Quem sou eu?» composto de quatro ou cinco perguntas sobre elas.

2. Convide uma pessoa, que ache que tem jeito para contar histórias, para vir contar a história de Pedro,

como se essa pessoa fosse o próprio Pedro.

3. Ao começar a reunião, divida as crianças em grupos de 2 ou 3, e peça-lhes que orem por um amigo e dêem graças pela amizade. (O amigo pode ser alguém da sua idade, um dos pais, pessoas de família, ou outro adulto.)

Saudações:

Estou muito contente por me terem convidado para vos falar hoje sobre as coisas que eu fiz e sobre as que quase deixei de fazer. Todos sabem que eu não era exactamente o que se pode considerar um homem ambicioso. Era apenas um pescador que vivia dessa actividade. A minha linguagem era muitas vezes rude, mas que importância tem isso?

Então, certo dia, enquanto o meu irmão André e eu estávamos a pescar, encontrámos este homem. O seu nome era Jesus, e Ele era um novo pregador. Acreditam que se voltou para nós, velhos pescadores de linguagem rude, e disse: «Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens?»

E, o que é mais inacreditável, nós seguimos-l'O. Os nossos amigos Tiago e João juntaram-se a nós nesse mesmo dia. Que quadro nós fazímos: Jesus, o líder, com alguns homens de aspecto pouco limpo, e uma multidão de pessoas doentes e aflitas!

Durante três anos, eu segui a este Jesus. Aos meus olhos, Ele fazia tudo errado. Bem, nem tudo. Mas nenhum de nós doze, que fomos chamados Seus discípulos, podia comprehendê-l'O exactamente.

Ele atraía grandes multidões, falava-lhes e a seguir mandava-as embora. Curava os doentes e os paralíticos

e apreciava a companhia dos pecadores. Mas logo a seguir era capaz de dizer palavras claras e duras aos ricos, como, por exemplo, «Vende tudo o que tens e dá aos pobres». Não, não O podemos compreender!

Pensávamos que devíamos ajudá-l'O quando todas as criancinhas lhe foram trazidas. Mas Ele disse: «De modo nenhum; deixai os pequeninos vir a mim.» O que é que Ele queria com todas aquelas crianças?

Muitas vezes eu ofendi a Jesus. Talvez vocês sintam a mesma coisa. Talvez estejam pouco à vontade por serem seguidores de Alguém tão simples. Talvez estejam com medo de que os outros façam troça de vocês, ou que tenham de abandonar alguma coisa para serem Seus seguidores. Eu também já me senti assim.

Na companhia de Jesus, eu fiz algumas coisas extraordinárias. Como daquela vez que pescámos toda a noite e não apanhámos nada, e Ele nos disse que lançássemos a rede para o outro lado — o lado errado do barco! Nós o fizemos, e quando tentámos puxar a rede, quase metemos o barco a picar. É que a rede estava a abarrotar de peixes!

Alimentar uma multidão de 5 000 com apenas cinco pães e dois peixes foi outra coisa extraordinária. Você já se sentiram parte de um milagre de Deus? Se ainda não, sugiro que busquem uma maior intimidade com o Mestre. Em qualquer lugar que Ele estiver, os milagres logo acontecem.

A moeda na boca do peixe foi o começo. E posso descrever o que senti quando caminhei sobre a água. Oh, se eu tivesse mantido os olhos fixos em Jesus, em vez de olhar à minha volta! Eu queria apenas certificar-me

de que os outros me estavam a ver! Mas em vez do que esperava, quando a minha atenção se centralizou no eu, quase me afundei.

Como vai a vossa vida de oração? Se tão-somente eu tivesse passado mais tempo de joelhos! Jesus dera-nos um exemplo maravilhoso, mas eu não o apreciei como devia. Pensei que Ele estava a exagerar a importância da oração... Como resultado, Ele agonizou sozinho no Jardim. Oxalá eu tivesse ficado acordado com Ele!

Lembram-se de como eu estava pronto a matar qualquer um, lá no Jardim, para salvar a vida de Jesus. Eu apenas cortei a orelha de um homem e logo Jesus voltou a colocá-la no seu lugar. Porém, quando chegou o momento do julgamento de Jesus, eu neguei-O. Não o pude evitar. Fiquei tão envergonhado! Depois cheguei até a proferir imprecações e impéritos. Mas então corri para fora, para a escuridão, a chorar em amarga tristeza.

Ele perdoou-me. Ele ressurgiu da sepultura e disse-me que eu estava perdoado. A Sua bondade despedaçou o meu coração. Ele também vos perdoará todas as vezes que O passarem por alto. Ele morreu também pelos vossos pecados.

Podem ter a certeza. A vida não tem valor sem Jesus. Se pudessem ao menos perguntar a Judas! Nenhum sacrifício é demasiado grande. Não querem dar-Lhe a vossa vida — com tudo o que ela tem — agora mesmo?

Jesus diz-vos o mesmo que me disse a mim e aos outros: «Ide, ensinai todas as nações,» «Apascenta os meus cordeiros.» «Segue-me...»

Um seguidor feliz
Pedro

Partilhando o amor de Jesus — Perguntas:

Pergunte se há alguém presente que gostasse de assistir a uma classe baptismal (certifique-se de que vai até ao fim com aqueles que levantarem a mão e louve a Deus pelas decisões tomadas).

1. Que parte da história de Pedro se identifica mais consigo? Com que parte está mais surpreendido? Que parte o ajudará a não entrar em dificuldades na sua vida cristã?

2. Procure um versículo sobre Pedro que cada dia desta semana vai ler para se sentir encorajado.

Não se esqueça de terminar com uma oração. Depois, faça saber às crianças como se sente grato por elas terem vindo à reunião. Diga-lhes que as espera na noite seguinte e anime cada um a trazer consigo um amigo.

QUINTA-FEIRA
28 de Novembro

Míriam: conhecida e desconhecida

Ao começar

1. *Dê a cada criança oportunidade para falar de uma bênção que tenha recebido hoje (ou nesta semana). Depois fale sobre uma tentação que tenham tido.*

2. *Fale sobre as diferentes mulheres mencionadas na Bíblia. Veja quantas o seu grupo é capaz de mencionar (dê 5 ou 10 minutos). Pode dividir as mulheres*

mencionadas em dois grupos: «piedosas» e «ímpias».

3. *Dê a cada criança 30 segundos para que diga tudo o que sabe sobre Míriam.*

4. *Faça oração antes de começar a apresentar a mensagem.*

Queridos amiguinhos:

Vocês podem encontrar a primeira referência a mim, na Bíblia, no livro do Éxodo, capítulo 2 e verso 4. Vejam agora mesmo e leiam em voz alta. Reconhecer-me nesta «sua irmã»? Sou de novo mencionada nos versículos 7 e 8.

Para responder à pergunta sobre quem eu sou, mudem para Éxodo 15:20, ou Números 26:59. (*Tome tempo, mas uma vez, para as crianças lerem em voz alta.*) Sim, vocês já sabiam. Eu sou a irmã de Moisés e Araão.

Agora ponham-se no meu lugar. Eu acabava de receber um novo irmãozinho, Moisés. Eu já tenho onze anos. Ele apenas tem 3 meses e chora muito. Como sabem, faraó tinha decretado que todos os meninos hebreus que nascessem fossem mortos à nascença.

Os meus pais passavam todo o seu tempo livre a estudar as Escrituras e sentiam que este bebé poderia ser «aquele» que haveria de libertar todo o Israel da escravidão. A minha mãe chorava por causa daqueles tão estranhos tempos e o meu pai preocupava-se constantemente — embora nada pudesse fazer para salvar o pequeno Moisés de uma morte cruel. O Araão, de três anos, esse então não podia ajudar em nada com as suas intermináveis perguntas: «Mamã porque é que estás a chorar?» «Posso brincar com o bebé?» «Míriam, deixa-me pegar-lhe ao colo!»

A nossa casa tornou-se um pesadelo.

Então, a minha mãe apresentou um plano: «Vamos esconder o bebé... numa arca... e vamos pôr Míriam a vigiá-lo...»

A mãe contava muito comigo. Chamava-me a sua grande ajudadora e isso empolgou-me. É verdade que estava também muito apavorada. Que deveria eu fazer quando alguém encontrasse Moisés? Ficariam furiosos e seriam capazes de me matar também?

Conhecem o resto da história. Eu ajudei a salvar a vida de Moisés (Exo. 2:4, 7). Estou contente porque me ensinaram a obedecer e a confiar em Deus.

Não sou mencionada na Bíblia outra vez, depois dessa história, senão quando já tinha mais de 90 anos de idade (Exo. 15:20, 21). Vocês sabiam que eu sou a primeira mulher na Bíblia a ser chamada profetisa? Muitos acham que a minha missão no Egito foi manter viva a esperança da libertação durante os negros dias do nosso cativeiro. Passei todo tempo possível a ensinar, a admonestar e até a reprovar o povo.

E como eu gostava de cantar e dançar! Dançávamos com uma expressão de «santo gozo» — com louvor e acções de graça. Nas nossas danças, os homens e as mulheres estavam em grupos separados. As antigas danças faziam parte integrante da adoração, provavelmente algo que nósapanhámos no Egito.

De qualquer modo, de mim pouco mais voltam a saber até pouco antes da minha morte. Mas, infelizmente, sou mencionada novamente em Números, capítulo 12.

Não me julguem muito severamente. Talvez algu-

mas das meninas presentes fiquem aborrecidas por acharem que as mulheres não recebem o reconhecimento que merecem. Não deixem a vossa mente demorar-se em tais pensamentos. Lúcifer, o demónio, foi arruinado pelo ciúme e inveja.

No meu caso, eu não fiquei apenas aborrecida: fiquei irada e atraí Araão e outros para o meu lado. Porque havia Moisés de ouvir Zípora, essa estrangeira sua esposa? Podem dizer que eu estava revoltada e estava mesmo, murmurando e criticando.

Não me orgulho da maneira como me comportei. Na realidade, só falo disto para evitar que vos aconteça o mesmo.

Deus sabia que, com a minha capacidade de liderança, se Ele me deixasse continuar com as minhas reclamações contra Moisés e Zípora, eu haveria de destruir muita gente. Vocês compreendem: quantas más pessoas fizerem vacilar, tanto pior se torna o vosso pecado, porque assim estão desviando a outros do bom caminho.

O castigo que eu sofri foi rápido e severo. Fiquei leprosa. Fiquei branca como a neve e quase morta, com essa terrível doença. Quão grata me sinto porque tanto Moisés como Araão rogaram a Deus para me poupar a vida. Deus ouviu as suas orações e curou-me naquele mesmo dia. Todavia, de acordo com a lei, eu tinha de ficar fora do arraial, como se estivesse presa, durante sete dias, de forma a que o sacerdote pudesse ter a certeza da minha cura completa.

A última referência à minha pessoa encontra-se em Números 20:1: «E o povo ficou em Cades, e Míriam

morreu ali e ali foi sepultada.» Eu morri em Cades, precisamente à saída do deserto.

Que lembrança querem vocês deixar à posteridade? Pensem nisso.

Uma mensageira de Deus,
Míriam

Como se sentiriam vocês?

Fale às crianças sobre serem elas o membro da família a quem foram confiadas as maiores responsabilidades. Como se sentem quando outro irmão ou irmã recebe mais reconhecimento e elogios, só porque teve mais tempo ou oportunidade de fazer uma coisa importante?

1. Conhece alguém que tenha um irmão ou irmã famoso? Fale com essa pessoa e peça-lhe que lhes diga como tem evitado o ciúme e a inveja.

2. Pense em outras pessoas da Bíblia que viveram nas mesmas condições. Como acha que os irmãos e irmãs de Daniel se sentiram? Que circunstâncias semelhantes tornaram as coisas difíceis para José e para Jesus?

Se ainda tiver tempo, leia Mateus 25 e fale sobre os talentos. Esperará Deus que usemos os talentos que possuímos? Será que todos temos pelo menos um talento? Podemos passar a vida inteira só com um talento?

SEXTA-FEIRA
29 de Novembro

Daniel, homem de Deus

Tornando a Bíblia real

1. *Há um hino sobre Daniel? Cante-o.*

2. *Dê a cada criança papel e lápis (ou use o quadro negro, se preferir trabalhar em grupo). Faça um acróstico. Exemplo:*

D — Dilecto

A — Amigo

N — Nobre

I — Inspirador

E — Enérgico

L — Leal

3. *Tome alguns minutos para falar da vida de oração de Daniel.*

Em que livro da Bíblia se relata a história de Daniel? São capazes de abriri a Bíblia nesse livro?

Peça a cada criança para fazer uma oração com uma única frase, pedindo a Deus coragem para, como Daniel, permanecer firme pelo que é recto.

Meus amigos:

É um grande privilégio falar-vos. Bem cedo na minha vida tomei a decisão de colocar sempre Deus em primeiro lugar. Naquela altura pareceu-me uma decisão fácil de tomar.

Mal sabia eu que provas deveria enfrentar ao chegar à varonilidade. Por me aplicar intensamente em tudo o que fazia, fui-me tornando um aluno brilhante. E foi provavelmente essa a razão porque me encontrei entre os prisioneiros a caminho da Babilónia, uma terra pagã.

Foi lá que as decisões di-

fíceis começaram. Aqueles soldados acharam que nós éramos os melhores mancebos de Jerusalém. E o responsável queria tornar-nos ainda melhores. A comida que nos traziam estava para além de tudo quanto se possa imaginar. Tínhamos muito por onde escolher.

Alguns de vocês surpreenderam-se por eu e os meus três amigos não termos aproveitado o que ali estava. Mas eu não queria comprometer a minha vida cristã.

O meu maior objectivo fora e ainda era viver para Deus. Não posso dizer que tentar que nos dessem uma comida especial não tivesse exigido esforço da nossa parte, mas os resultados mereceram esse esforço.

Imaginem o espanto de todos quando, no fim de 10 dias, se viu que eu e os meus amigos estávamos em melhores condições que todos os outros do nosso grupo! Em todos os aspectos! Que Deus este, a Quem nós servimos! Digo-vos que antes nós tínhamos sido ridicularizados por seguir todos os princípios de saúde em que fôramos ensinados. E isso também vos pode acontecer alguma vez. Mas vale a pena! Vocês vão viver mais e melhor do que aqueles que não querem ser saudáveis.

Agora eu e os meus amigos começámos a ter a reputação de homens de Deus. «Se alguém tiver qualquer problema», diziam os dirigentes uns aos outros, «vá procurar Daniel ou os seus amigos hebreus.» Como louvo a Deus, porque, ao estudarmos e adorá-l'O, nós nos tornávamos mais semelhantes a Ele!

E quem pôde resolver o problema do rei Nabucodônoso, quando ele se esqueceu do seu sonho? Daniel e o seu Deus! Todos os dirigentes sabiam de onde me

vinham a força e a sabedoria.

Não pensem, nem por um instante, que, se seguirem a Deus cuidadosamente, não vão ter problemas. Cada vez que um novo dirigente assumia o poder, eu tinha de ser posto à prova. E o meu Deus também!

Certa vez fui nomeado presidente de 120 príncipes e de dois outros presidentes. A minha união com Deus deixava-os pouco à vontade e decidiram fazer tudo para se verem livres de mim.

O meu estilo de vida — Deus primeiro, os outros em segundo lugar e eu por último — não lhes dava motivo para me causarem qualquer dano. Por isso, a minha vida de oração tornou-se o seu alvo. Foram ter com o rei e conseguiram que fosse publicado um decreto proibindo a toda e qualquer pessoa de fazer pedidos, quer a Deus, quer aos homens, durante 15 dias, a não ser que esses pedidos fossem feitos ao rei.

Eu tive de tomar algumas decisões difíceis. Vocês estudam a lição todos os dias, aprendem o verso áureo e fazem oração em voz alta na Escola Sabatina?

E que se passa com a vossa linguagem? Deixam escapar pequenos palavrões? Vêem e ouvem coisas que não glorificam a Deus?

Vocês podem não ter de ir para a cova dos leões por permanecerem fiéis a Deus, mas talvez percam popularidade no vosso círculo de amigos.

Quer frequentem a escola da igreja ou a escola pública, quer os vossos pais sejam cristãos ou não, quer vocês pertençam a uma igreja grande ou vivam onde há apenas alguns poucos adventistas, vocês podem ser diferentes.

Ponham isto na vossa

mente. Decidam hoje que vão ser um rapaz ou uma menina de Deus. Não interessa a posição em que Deus vos coloque. Podem ter a certeza de que ele estará sempre convosco.

Avante!
Daniel

Que aprenderam?

1. Podem pensar em algumas coisas más que Daniel fez durante a sua vida?

2. Porque acham que só foram registadas coisas boas acerca de Daniel? Acham que Daniel foi sempre bom? Há alguém, excepto Deus, que nunca tenha pecado?

3. Que traços de carácter têm vocês em comum com Daniel?

Termine com o hino nº 526 do hinário Cantai ao Senhor: «Meu irmão, intenta ser como Daniel».

SÁBADO
30 de Novembro

Salomão: Conhecido pela sua sabedoria

Actividades de grupo

1. Peça às crianças para acharem os livros da Bíblia que falem de Salomão. Confiram o número de livros que se lhe referem, assim como o número de capítulos.

2. Distribua papel e lápis às crianças. Peça-lhes que façam um desenho de qualquer coisa relacionada com Salomão. (Isto pode também ser feito em grupo, no quadro negro.)

3. Pergunte a cada criança: «Como identifica-

rás Salomão no céu?»

Queridos pesquisadores de sabedoria:

Quando pensam no meu pai, David, pensam na sua vida desde a infância, como um adolescente e jovem. A minha vida, porém, é diferente.

Como sabem, a minha mãe era muito bonita, foi roubada ao marido e muito amada. Os meus pais disseram-me, bem cedo, que um dia eu seria o rei de Israel. Eu sabia que iria construir o belo templo que o meu pai tanto ansiara construir. De facto, ele já o tinha todo planeado, mas Deus disse-lhe que ele não o poderia construir porque tinha sido um homem de guerra durante muitos anos.

Quando chegou o tempo de eu ser rei, as coisas não corriam do modo que tínhamos planeado. Eu tinha um irmão e outros a contestarem a minha subida ao trono.

Então Deus apareceu-me num sonho e perguntou-me o que é que eu mais desejava na vida. Eu não pedi riquezas nem fama, pedi sabedoria. Isto agradou a Deus e Ele prometeu dar-me sabedoria e também acrescentou riquezas, honras e uma vida longa, se eu quisesse seguir-l'O (I Reis 3:3-15).

Provavelmente já ouviram a história do meu sábio julgamento de duas mães atormentadas. De facto, eu tomei muitas decisões sábias. Levei muitas pessoas a Deus, porque lhes falava da Sua bondade.

Mas apaixonei-me por mim mesmo. Achava-me tão bom, tão forte, que comecei a arranjar esposas pagãs — para as converter, claro!

Dentro de poucos anos, tudo mudou. Do rei mais sábio que já governara, tornei-me o mais degradado amante de si mesmo. Destroçado, acabei por odiar-me a mim e às coisas que fizera. A minha

influência arruinou um número incontável de pessoas. Eu experimentei de tudo.

Mas estou muito grato a Deus por a minha história não terminar aqui. Jovens, vocês nunca estão além da esperança — embora o meu caso parecesse ser desse género. Deus não desistiu de mim. De maneira a atrair a minha atenção, Ele retirou de mim o Seu cuidado protector. E então começaram a acontecer coisas terríveis no meu reino. De repente, perdemos guerras. Isso era inadmissível! Até os meus oficiais e conselheiros se voltaram contra mim.

Finalmente, eu estava pronto a ouvir. Deus enviou-me uma mensagem através de um profeta: o meu reino ia-me ser tirado. Não imediatamente, por causa da promessa de Deus a meu pai David, mas seria tirado ao meu filho.

Digo-vos, foi como se eu tivesse despertado de um sonho terrível. A minha vida estava desperdiçada. Não tinha poder para fazer o que era recto. Mas Deus estava ao meu lado. Em gratidão, eu reconheci o Seu poder e benignidade (Ecl. 5:8).

Embora arrependido, não podia ver-me livre do meu passado. Porém, passei os restantes anos da minha vida tentando corrigir a horrível influência que havia exercido sobre tanta gente.

Que podem vocês, jovens, aprender com a minha vida?

1. «Lembra-te do teu Criador, nos dias da tua mocidade» (Ecl. 12:1).

2. Vigilância e oração são as únicas salvaguardas do pecado.

3. Fujam à primeira investida do pecado. Perguntem a cada passo da vida: É este o caminho do Senhor?

4. Sejam cuidadosos na escolha dos vossos companheiros. Ao passarmos tem-

po com eles, isso torna-nos mais semelhantes a eles. Acabamos por fazer o que eles fazem. E o pecado parece menos pecaminoso quando lhe estamos associados. Por isso, escolham sabiamente os vossos amigos.

5. Cada um de vocês tem uma grande influência para o bem ou para o mal, quer vocês sejam dirigentes ou dirigidos, orgulhosos ou humildes, sábios ou tolos. «Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecado destrói muitos bens» (Ecl. 9:18).

O meu conselho para vocês é: «Cada acção, cada palavra, é uma semente que dará fruto. Cada acto de meditada bondade, de obediência, de abnegação, reproduzirá isso mesmo em outros e, por meio destes, em outros ainda. Assim, cada acto de inveja, de malícia, de dissensão, é uma semente que produzirá uma «raiz de amargura» (Heb. 12:15) pela qual muitos serão afectados.»

— Profetas e Reis, p. 86.

Mantenham a fé!
Rei Salomão

Para Reflexão

1. Recapitulem as cinco coisas que os jovens precisam de considerar para não cair em mesmas ciladas em que caiu Salomão. Dê às crianças oportunidade para fazerem os seus comentários. Ouça sem o intuito de julgar.

2. Peça às crianças que procurem recordar-se de alguma vez em que tenham influenciado um amigo a fazer algo de bom ou de mau. Pergunte-lhes quanto importante acham o exemplo.

3. Dê a cada criança oportunidade de fazer uma breve oração (ou deixe-os falar sem constrangimentos), pedindo a Deus para que faça deles um exemplo para o bem e não para o mal.

Mensagem do Presidente da Conferência Geral

Queridos irmãos na fé:

Raras vezes, se é que algumas, na história da igreja remanescente tem sido o povo de Deus chamado a testemunhar face a uma catadupa de acontecimentos mais inesperados, mais impressionantes e mais repletos de presságios proféticos como os que estão ocorrendo hoje no mundo. Desde a última Semana de Oração, temos testemunhado, por exemplo, o dramático declínio do comunismo como sistema político, económico e social. E os acontecimentos do Médio Oriente têm constituido autêntico desafio à nossa reflexão.

Sem dúvida, o «príncipe dos reis da terra», operando de um alto centro de comando, está a abrir áreas do mundo anteriormente fechadas à pregação do evangelho. Referindo acontecimentos que culminam na Sua volta à terra, Jesus falou significativamente de «guerras e rumores de guerras». Mas, acrescentou: «Ainda não é o fim» (Mat. 24:6). Qual é, então, o grande sinal que apontará para o Segundo Advento? Jesus disse: «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo... a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14). Se já houve tempo em que os adventistas deviam buscar poder para «dar glória a Deus», esse tempo é agora.

Quão importante tem sido durante os meus primeiros meses como presidente da Conferência Geral constatar que aqui, dentro do complexo dos nossos escritórios, e também lá, nas igrejas, discípulos dos dias actuais estão a responder aos desafios desta hora. Há dois anos, vários novos membros da administração da Conferência Geral começaram a reunir-se uma vez por semana para estudarem a Bíblia e orarem. Hoje não há só um grupo, mas três. Tenho ouvido falar de reuniões semelhantes em muitas igrejas, em todo o mundo.

E um novo espírito de sacrifício está vindo ao de cima. Em Dezembro do ano passado, a família da Conferência Geral votou renunciar à habitual festa do Natal e usaram o dinheiro que lhe era destinado, junto a alguns donativos pessoais, (que somou cerca de 2 700 contos) para campanhas de evangelização na Hungria, Polónia e Jugoslávia. Recentemente, a União da Califórnia do Norte, sentindo o desafio dos acontecimentos do nosso mundo, votou patrocinar quatro campanhas de evangelização na União Soviética. E isso fizeram não porque tivessem dinheiro de sobra! O presidente dessa União, Don Schneider, pediu a outros pastores da mesma União parar contribuirem também e a resposta foi entusiástica. Ouvi até dizer que algumas igrejas se comprometeram a cuidar de igrejas-irmãs na União Soviética.

Há alguns meses, o presidente da União de Potomac, nos Estados Unidos, Ralph Martin, relatou que a sua União patrocinaria um evangelista durante um ano na União Soviética ou na Europa de Leste. Tenho a certeza de duas coisas: (1) Estas Uniões da América do Norte, que estão a responder a desafios actuais, também têm as suas necessidades locais; (2) Elas serão todavia compensadas por terem uma perspectiva global de serviço altruísta. O que Ellen White escreveu a respeito de factos dos seus dias é tão actual hoje como amanhã:

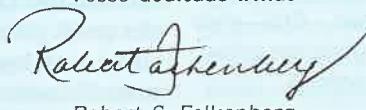
«Sinto intensamente as necessidades dos países estrangeiros, segundo me têm sido apresentadas. Em todas as partes do mundo estão anjos de Deus abrindo portas até há pouco cerradas à mensagem da verdade...

«Mostrar um espírito liberal, abnegado, para com o êxito das missões estrangeiras é um meio seguro de fazer avançar a obra missionária na pátria; pois a prosperidade da obra nacional depende grandemente, abaixo de Deus, da influência reflexa da obra evangélica feita nos países afastados. É trabalhando para prover às necessidades de outros que pomos a nossa alma em contacto com a fonte de todo o poder.» — *Obreiros Evangélicos*, pp. 465, 466.

Menciono acontecimentos no mundo, ofertas de sacrifício e grupos de oração e estudo porque acredito que são parte do plano de Deus, ao iniciar os acontecimentos que culminarão com o Seu regresso como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O maior órgão da Igreja para manter-nos a par dos acontecimentos em tão rápida mutação é a *Revista Adventista*. Recomendo-vos-la para que seja objecto da vossa leitura e estudo. Este número especial da Semana de Oração oferece-nos a oportunidade de estudarmos e orarmos juntos enquanto fixamos a nossa atenção sobre homens e mulheres da Bíblia. — pessoas com faltas e fraquezas semelhantes às que nós temos. As suas experiências dão-nos testemunho de que a vitória também pode ser nossa, pelo que não devemos perder o ânimo, mas continuar a avançar, todos unidos, até que se diga que «Os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre» (Apoc. 11:15).

Vosso dedicado irmão



Robert S. Folkenberg